

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

MARIA SALETE MAGNONI

**Imprensa como instância de poder: uma leitura das Recordações
do escrivão Isaías Caminha, de Lima Barreto**

(VERSÃO REVISTA E CORRIGIDA DA TESE)

São Paulo
2010

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

**Imprensa como instância de poder: uma leitura das Recordações
do escrivão Isaías Caminha, de Lima Barreto**

Maria Salete Magnoni

Tese apresentada ao
Programa de Pós-Graduação
em Literatura Brasileira do
Departamento de Letras
Clássicas e Vernáculas da
Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São
Paulo, para a obtenção do
título de Doutora em Letras.
Esta impressão corresponde
à versão corrigida da tese.

Orientador: Prof. Dr. Zenir Campos Reis

São Paulo
2010

MAGNONI, Maria S. **Imprensa como instância de poder**: uma leitura das Recordações do escrivão Isaías Caminha, de Lima Barreto. 2010. 88f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

RESUMO

A partir de uma leitura do romance, **Recordações do escrivão Isaías Caminha**, do escritor Lima Barreto, o trabalho procura discutir a representação nele feita da imprensa como instância de Poder. No primeiro capítulo a autora apresenta o que julga mais importante na fortuna crítica sobre o romance desde o seu lançamento até os dias atuais. No capítulo seguinte é abordada a história de Lima Barreto jornalista, as suas tentativas de ingressar no jornalismo profissional, a sua colaboração na pequena imprensa, operária e sindical; e também é contada a história do jornal carioca **Correio da Manhã** fundado por Edmundo Bittencourt e que foi representado literariamente no romance **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. E por fim, no último capítulo é feita a análise do romance para mostrar pontualmente como o narrador-escritor Isaías Caminha constrói a imagem e ao mesmo tempo disseca a anatomia daquilo que Lima Barreto denominou de o quarto poder, ou seja, a imprensa brasileira sua contemporânea.

Palavras- chave: Lima Barreto. História. Imprensa. Jornalistas. Poder.

MAGNONI, Maria S. **Press as a scope of power: a reading of Memories of the recorder Isaías Caminha**, de Lima Barreto. 2010. 88f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ABSTRACT

After reading the novel, **Recordações do escrivão Isaías Caminha**, by the writer Lima Barreto, the work tries to discuss its representation made by the press as a scope of power. In the first chapter the author presents what she considers to be the most important in the fortune critique of the romance since its publication until nowadays. In the next chapter the history of Lima Barreto as a journalist is approached, his attempts to join the professional journalism, his contribution towards the small press, symbolized by the working class and trade unions, as well as the history of the newspaper **Correio da Manhã**, which was founded by Edmundo Bittencourt and represented in the form of literary in the novel **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. Finally, in the last chapter an analysis of the romance is done to show accurately how the narrator-writer Isaías Caminha builds the image while dissects the anatomy of what Lima Barreto called the fourth power, in other words, the Brazilian press its contemporary.

Keywords: Lima Barreto. History. Press. Journalists. Power.

AGRADECIMENTOS

Esta é uma tese possível, feita em condições adversas; o que conto a seguir não é uma justificativa, mas sim uma explicação, ao longo dos anos do doutorado não dispus de rendas e nem de um confortável emprego público (para falar com o escritor Roberto Arlt), na verdade emprego público eu tenho mas ele não me garante a sobrevivência (afinal, ninguém vive com o salário de professor da escola pública paulista), e por isso sempre tive que ter outras atividades laborais paralelas ao magistério.

Tive uma bolsa do CNPq que me foi inesperadamente subtraída e após isso, como disse Miguilim, “Todos os dias que depois vieram eram tempo de doer”, pois hoje aquele ilibado Conselho aplica me uma pena tal qual a que se “tenta” aplicar aos corruptos desse país. A jornada tem sido dura, mas eu não estaria aqui se não fosse pela valiosa e solidária ajuda recebida de gente de várias partes do mundo, não posso aqui descrever a contribuição de cada um, pois seria estender-me demais, mas quero manifestar publicamente o meu apreço, respeito e gratidão a essas pessoas que estarão para sempre inscritas na minha história de vida e no meu afeto, e, sobretudo, fazendo o contraponto ao horror da experiência vivida.

Meu orientador, Prof. Dr. Zenir Campos Reis, mestre e amigo solidário, que sempre entendeu a orientação como prática de liberdade.

André Granado, Antonio Roberto Prudêncio Ramos, Antonio Arnoni Prado, Antonio de Moraes Mesplé, Augusto Massi, Alcides Villaça, Adriana Saker, Ana Maria Villalobos, Alexandre Blaitt, Beatriz de Basto Teixeira, Caio Rizek, Cilaine Alves Cunha, Cristina Monaco, Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo, Carlos Hernán Sosa, Elisa Campos Machado, Ely Souza Estrela, Elisabetta Santoro, Eliane Jaqueline Mattalia, Enid Arima, Fabián Alejandro Caneva, Flávio W. Aguiar, Gabriel

Albuquerque, Gabriela Braz Aidar, Gênese Andrade, Geraldo Florsheim, Giselle L. Agazzi, Graciela Perren, Gustavo Guerberoff, Haroldo de Mayo Bernardes, Ieda Lebensztayn, Iracema Guisoni, James Roberto Silva, Jefferson Agostini Mello, José Miguel Wisnik, Jesús J. Barquet, José Silva Simões, José Antonio Carrer, Luis Eduardo Serra Netto, Lisandro Nogueira, Leopoldo Loureiro, Luiz Roncari, Luis Diambra, Lydia.W.P.S. Barosa, Maria Rejane Araújo Tito, Marcus Mazzari, Mamede Jarouche, Masa Nomura, Maria Lúcia Palma Gama, María Amalia García, Márcia Regina Barros da Silva, Maria do Carmo Dias Batista, Matheus Soldi Hardt, Murilo Marcondes de Moura, Nara Cristina Guisoni, Priscilla Araújo Taccola, Ricardo Musse, Ricardo Souza de Carvalho , Rosmeri Porfírio Rocha, Rodrigo Fernandez, Sérgio Passos Avelleda, Vivian Urquidi.

Marta Glória dos Santos, Ana Cláudia Pastor e Antonio Carlos Batista, funcionários da Biblioteca Florestan Fernandes da FFLCH-USP, cujo atendimento vai muito além da mera obrigação. Dayane Esteves e Elias Ferreira de Sá, da Secretaria de Pós-Graduação do DLCV/ FFLCH-USP, estão na mesma categoria.

Finalmente, agradeço aos meus pais Lourenço e Maria Aparecida e aos meus irmãos Antônio Francisco, Rinaldo Henrique e Luiz Carlos, pela ajuda em momentos de apertos de ordem material e pela compreensão de minhas ausências.

A ajuda recebida contribuiu para que essa tese fosse possível, já as falhas e deficiências são de minha inteira responsabilidade.

ÍNDICE

Apresentação	1
Capítulo 1: O romance e a fortuna crítica.....	2
Capítulo 2: Um jornal, um escritor e um romance	26
2.1 A História de um jornal “abusado”	37
Capítulo 3: Um narrador nos bastidores do quarto poder.....	56
Referências Bibliográficas.....	79

APRESENTAÇÃO

Partindo da constatação de que o romance, **Recordações do escrivão Isaías Caminha**, do escritor Lima Barreto, é uma obra que ainda demanda estudos de fôlego, o trabalho apresenta o que a autora julga mais importante na fortuna crítica sobre o romance desde o seu lançamento até os dias atuais. A trajetória do escritor Lima Barreto está associada ao jornal, por isso é abordada a história de Lima Barreto jornalista, as suas tentativas de ingressar no jornalismo profissional, a sua colaboração na pequena imprensa, operária e sindical; e também é contada a história do jornal carioca **Correio da Manhã** fundado por Edmundo Bittencourt e que foi representado literariamente no romance **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. E por fim, no último capítulo é feita análise do romance para mostrar pontualmente como o narrador-escritor Isaías Caminha, através de sua experiência como contínuo do jornal *O Globo*, constrói a imagem e ao mesmo tempo dissectiona a anatomia daquilo que Lima Barreto denominou de o quarto poder, ou seja, a imprensa brasileira sua contemporânea.

CAPÍTULO 1

O ROMANCE E A FORTUNA CRÍTICA

*Apesar da ficção da página em branco,
escrevemos sempre sobre o escrito.*

Michel de Certeau

O romance **Recordações do escrivo Isaiás Caminha** veio à luz exatamente há um século; nele o escritor Lima Barreto narrou as aventuras e desventuras de um jovem mulato interiorano em sua tentativa de conseguir o ambicionado título de doutor na cidade do Rio de Janeiro, capital da jovem República Brasileira, porém a história de Isaiás é também:

Fonte rica de dados para a história social e cultural do Rio de Janeiro no começo do século XX. A condição do mestiço humilde, interiorano, depois suburbano, e os seus percalços para integrar-se na vida da capital que se modernizava a passos largos; a rotina do jornal onde achou emprego, com toda a sua galeria de tipos beirando a caricatura; enfim, o clima da fatuidade e subserviência que se respirava na imprensa e nos círculos literários da *belle époque* carioca - tudo são índices de valor documental que interessam de perto ao historiador das mentalidades de nossa República Velha.¹

Se hoje, do ponto de vista histórico, a afirmação acima é um dos aspectos que valoriza a obra, à época do ponto de vista literário ocorreu justamente o contrário:

[...] foram justamente essa aderência ao dado biográfico e o excesso de fatos da crônica jornalística que prejudicaram a fortuna crítica da obra [...]. O romance logo

¹ BOSI, Alfredo. Figuras do *EU* nas Recordações de Isaiás Caminha. In: **Literatura e Resistência**. São Paulo: Cia das Letras, 2002. p. 187.

classificado como *à clef*, padeceria de um número demasiado de referências pessoais, que o teriam impedido de ascender ao nível da ficção e de realizar a passagem da observação empírica à forjadura da obra literária.²

Nesse sentido julgo pertinente fazer uma retomada do que considero principal na fortuna crítica do romance, desde sua aparição até a atualidade, levando em conta que se trata de uma obra que ainda espera por um estudo de fôlego e abrangente, haja vista que a maior parte dos estudos realizados compõem - se de ensaios, artigos e ainda análises em conjunto com outras obras de Lima Barreto.

Segundo depoimento do escritor em 1909 ele já tinha pronto **Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá** que seria lançado somente em 1919.³ Em carta de 07/02/1909 ao crítico Gonzaga Duque o escritor esclareceu o motivo da preferência pelo **Isaías**:

Era um tanto cerebrino, o *Gonzaga de Sá*, muito calmo e solene, pouco acessível, portanto. Mandei as *Recordações do Isaías Caminha*, um livro desigual, propositadamente mal feito, brutal por vezes, mas sincero sempre. Espero muito nele para escandalizar e desagradar, e temo, não que ele te escandalize, mas que te desagrade. (C1, p.169)

E ainda:

[...] não foi só o escândalo, o egotismo e a *charge* que pus ali. [...] a tela que manchei tenciona dizer aquilo que os simples fatos não dizem, segundo o nosso Taine, de modo a esclarecê-los melhor, dar-lhes importância, em virtude do poder da forma literária, agitá-los porque são importantes para o nosso destino. (C1, p.170)

A trajetória da publicação do romance **Recordações do Escrivão Isaías Caminha** começou em 1907, com o aparecimento do primeiro capítulo na revista **Floreal** editada por

² Ibid., p.187

³ Em diversas passagens do seu **Diário Íntimo** e também nas **Correspondências** Lima Barreto registra que o romance começara a ser trabalhado em 1906. Portanto não é descabida a idéia de que ele possa tê-lo feito e refeito ao largo de 13 anos. Talvez seja por isso que pôde dizer com uma certa ponta de orgulho em carta a Carlos Sussekind Mendonça: “foi o único livro que comecei e acabei”. Cf. Nota Prévia. In: BARRETO, Lima. **Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá**. São Paulo: Brasiliense, 1956. p.19.

Lima Barreto e por um grupo bastante diverso que tinha entre seus componentes escritores como, Fábio Luz, Domingos Ribeiro Filho e Curvelo de Mendonça, representantes da chamada *Literatura útil*, de caráter libertário. A primeira edição em livro foi feita em 1909 pela Livraria Clássica Editora de Lisboa “sob as vistas dedicadas do Senhor Albino Forjaz de Sampaio, a quem muito devem, em correção, as *Recordações*” (IC, p.39), e teve ainda uma “segunda edição em vida do Autor, revista e aumentada, no Rio de Janeiro; e nova tiragem, também nesse mesmo ano. É nessa edição que aparece a ‘Breve Notícia’ de Lima Barreto, na qual se transcreve o prefácio da que iria ser edição da *Floreal*.”⁴

Logo do lançamento do romance destaco a opinião de três críticos: o primeiro a escrever sobre o **Isaiás Caminha** foi Medeiros e Albuquerque que viu em Lima Barreto “uma revelação porque é positivamente um escritor, seguro de sua pena, capaz de uma obra de fôlego”.(C1, p.197). Porém, prossegue o crítico:

Mas o seu livro é, ao mesmo tempo, uma decepção, porque todo ele é feito de alusões pessoais, de descrição de pessoas conhecidas, pintadas de um modo deprimente. É menos romance que panfleto. E o resultado é que assim fica sendo um mau romance e um mau panfleto.

Mau romance, porque é da arte inferior dos *romans a clé*, mau panfleto porque não tem a coragem do ataque direto [...].

O que parece é que o autor quis provocar um escândalo em torno da sua obra. Se esse escândalo fosse para uma atrevida concepção literária, não haveria senão que acolher-lhe a audácia com simpatia .

Mas querer o escândalo para uma obra literária por motivos extraliterários não é digno de um artista. (C1, p.198)

⁴ Cf. Nota Prévia. In: BARRETO, Lima. **Recordações do escrivão Isaiás Caminha**. São Paulo: Brasiliense, 1961. p. 32.

A crítica de Medeiros e Albuquerque magoou o escritor que no mesmo dia da publicação do folhetim de **A Notícia** enviou ao crítico uma carta na qual fez a defesa de sua obra:

Estou certo de que as pessoas que não me conhecem só poderão ter a impressão que o senhor teve. Há, entretanto, alguma coisa que a justifique, dentro mesmo dos motivos literários. Se a revolta foi além dos limites, ela tem contudo motivos sérios e poderosos. [...]

Concordo que há frases aqui e ali, e mesmo certas referências, que em muito o prejudicam. [...]. Não direi que estou arrependido de tê-las escrito, mas estou disposto a cortá-las em outras edições. (C1, p.198)

Decepção ainda maior experimentou Lima Barreto com a crítica de Alcides Maia por quem tinha grande consideração e amizade; há inclusive quem atribua que por sua sugestão o escritor teria transformado o “personagem principal de garção de café, tal como a princípio o autor teria ideado, em trabalhador de jornal, primeiro contínuo e depois repórter”.⁵ No artigo publicado no **Diário de Notícias** em 16/12/1909, Alcides Maia, embora tenha demonstrado sua estima por Lima Barreto “pôs a nu o principal defeito do livro – a sua nota pessoal, que o reduz quase a um ‘álbum de fotografias’”.⁶ Para o crítico **Isaias Caminha** não era um romance mas sim uma “ verdadeira crônica íntima de vingança, diário atormentado de reminiscências más, de surpresas, de ódios.”⁷ E continua:” O volume, vez por outra, dá a penosa impressão de um desabafo, mais próprio das secções livres que do prelo literário⁸.”

De José Veríssimo, que por ocasião da publicação do primeiro capítulo do **Isaias** na revista **Floreal** em 1907, colhera elogios, recebe uma carta na qual o crítico lhe apontava o que julgava ser a grande imperfeição do romance:

⁵ BARBOSA, Francisco de Assis. **A Vida de Lima Barreto**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988. p.150.

⁶ Ibid., p.150

⁷ Ibid., p.150

⁸ Ibid., p.150

Sincera e cordialmente o felicito pelo seu livro. Há nele o elemento principal para os fazer superiores, talento. [...] Há nele, porém, um **defeito grave** [grifo meu], julgo-o ao menos, e para o qual chamo a sua atenção, o seu excessivo personalismo. È pessoalíssimo, e, o que é pior, sente-se demais que o é. Perdoe-me o pedantismo, mas a arte, arte que o senhor tem capacidade para fazer, é representação, é síntese, é mesmo realista, idealização. Não há um só fato literário que me desminta. A cópia, a reprodução, mais ou menos exata, mais ou menos caricatural, mas que não chega a fazer síntese de tipos, situações, estados d'alma, a fotografia literária da vida, pode agradar à malícia dos contemporâneos que põem um nome sobre cada pseudônimo, mas escapando à posteridade, não a interessando, fazem efêmero e ocasional o valor das obras. (C1, p. 204)

Entre os três críticos aqui apresentados José Veríssimo é considerado o de maior discernimento, e pelo que se infere de sua crítica ele cobrou de Lima Barreto uma realização estética nos moldes daquilo que ele cria ser a literatura “Literatura é arte literária. Somente o escrito com o propósito ou a intuição dessa arte, isto é, com os artifícios de invenção e de composição que a constituem, é, a meu ver, literatura”⁹, porém também ele se ateu muito no que havia de pessoal no romance.

Em suma, todos eles empenharam-se apenas em buscar correlações entre a vida e a obra do autor, sem de fato dedicarem-se a perceber a especificidade e a novidade do **Isaiás Caminha**; que sua força residia exatamente na denúncia corajosa do preconceito racial e do poder da imprensa, e por Lima Barreto ter demonstrado com clareza os mecanismos de funcionamento daquilo que chamou de “o quarto poder fora da constituição!” (IC, 174), a manipulação dos fatos para servir aos interesses do poder político (costume assaz atualíssimo) e o apequenamento de nossa vida intelectual através da submissão aos interesses daqueles que dominavam a cena cultural do momento, afinal diz o narrador:

⁹ VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

Eu não sou literato, detesto com toda a paixão essa espécie de animal. O que observei neles, no tempo em que estive na redação do *O Globo*, foi o bastante para não os amar nem os imitar. São em geral de uma lastimável limitação de idéias, cheios de fórmulas, de receitas,[...], curvados aos fortes e às idéias vencedoras. (IC, p.120)

Nos anos que se seguiram, com uma ou outra leitura discordante, prevaleceu a interpretação dada por seus contemporâneos, ou seja, Lima Barreto havia feito um romance de teor confessional. Enfim, **Isaías Caminha** era obra de um revoltado.

Em 1952, Francisco de Assis Barbosa lançou **A Vida de Lima Barreto**, um marco na fortuna crítica do autor, a biografia por ele feita consagrou definitivamente a imagem de Lima Barreto nos quadros da Literatura Brasileira e em seguida no ano de 1955 sob sua organização e com a colaboração de M. Cavalcanti Proença e Antonio Houaiss foi publicada pela Editora Brasiliense, de Caio Prado Júnior, as **Obras de Lima Barreto**.

Como não poderia deixar de ser a coleção é aberta com as **Recordações**, cujo prefácio é também de autoria de Francisco de Assis Barbosa; nele o estudioso, com a autoridade de quem havia se debruçado longamente sobre a vida e a obra do escritor, se contrapôs àqueles que viam no romance apenas os aspectos negativos aqui elencados, para ele o que deu ao **Isaías** a garantia de perenidade foi o sentimento de humanidade que o perpassa:

Engana-se, [...], quem ver no *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* apenas uma explosão de recalques ou um ataque desabrido de mulato despeitado a certos figurões das letras, do jornalismo e da política. A intenção do romancista foi mais alta. E, muito mais importante que uma caricatura virulenta e impiedosa, é, na verdade, a mensagem humana que se encerra no bojo da novela. (IC, p.12)

O biógrafo segue perguntando o que pretendia Lima Barreto ao escrever o **Isaías Caminha** e para responder utiliza-se da palavra do próprio escritor que em carta a Esmaraldo de Freitas, político e magistrado piauiense, esclarece:

O meu fim foi fazer ver que um rapaz nas condições do Isaías, com todas as disposições, pode falhar, não em virtude de suas qualidades intrínsecas, mas batido, esmagado, prensado pelo preconceito [...]. Não sei como me saí da empresa [...]. Se lá pus certas figuras e o jornal foi para escandalizar e provocar a atenção para a minha brochura. Não sei se o processo é decente, mas foi aquele que me surgiu para lutar contra a indiferença, a má vontade dos nossos mandarins literários.(C1, p. 238)

O prefácio de Assis Barbosa contribuiu, acredito, para que se clareasse para as gerações vindouras qual era a concepção de literatura e de arte de Lima Barreto e também a importância de seus textos para a compreensão da História do Brasil nas duas primeiras décadas do século XX. A partir dos anos 1970 começaram a surgir importantes estudos, inclusive no âmbito universitário, que possibilitaram novas interpretações da obra de Lima Barreto; os críticos começaram a demonstrar formas pelas quais as realidades, histórica e social aparecem em sua obra e o caráter militante de sua literatura.

São desse período três importantes ensaios originários de teses universitárias, embora nenhum deles seja dedicado unicamente ao estudo do romance ora em tela todos o analisam; o primeiro deles publicado em 1976 de autoria do professor, crítico e escritor Osman Lins, **Lima Barreto e o espaço romanesco** assinala que **Recordações** é o único dos romances de Lima Barreto em que “a personagem principal narra a história”¹⁰ sendo que a narrativa alterna-se entre o passado e a vida presente do narrador “ num processo que *São Bernardo* parece seguir de perto, inclusive quando os supostos memorialistas, dizendo-se inábeis , falam

¹⁰ LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976. p. 33.

do seu trabalho de compor e manifestam dúvidas sobre os respectivos textos”¹¹. Osman Lins destaca também que nos dois romances são motivos diferentes que levaram à narração do vivido:

o fazendeiro de Graciliano Ramos (Paulo Honório, nota minha) escreve na esperança de aquietar o espírito e ver um pouco mais claro. O mulato Isaías Caminha, para de algum modo mostrar que as causas de desastres pessoais como o seu não estão na carne e no sangue da vítima, mas no exterior: seriam causas de natureza social, e não psicológica, atávica ou antropológica.¹²

Para o crítico a inexistência no enredo do Isaías Caminha de nenhum tipo de aventura ou de acontecimento de natureza amorosa, a não interferência do narrador no destino das personagens, a inexistência de dramaticidade nos diálogos são resultantes do fenômeno que chama de ilhamento e que se faz progressivo ao longo do romance. Ele discorda também do estudo de Lúcia Miguel Pereira que condena o que lhe parece artificialidade na evolução do personagem Isaías, “como também o descuido do autor, crescente à medida que se acentua o tom caricatural”.¹³ De acordo com seu ponto de vista, não há incoerência nele, mas sim que ele está em harmonia com uma lei geral do livro segundo a qual todos, desde o protagonista até as personagens mais secundárias estão encerradas em si mesmas. Para o crítico “Lima Barreto inaugura na ficção brasileira, sem dar-se conta disto, segundo tudo indica, o tema da incomunicabilidade, tão caro à arte contemporânea, surgindo como um antecipador, um anunciador do nosso tempo e das nossas criações”.¹⁴

¹¹ Ibid., p.33

¹² Ibid., p.34

¹³ PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira**: prosa de ficção: de 1870 a 1920. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988, p. 305.

¹⁴ Ibid., p.35

Também de 1976 é o estudo de Antonio Arnoni Prado, em **Lima Barreto: o crítico e a crise**, combina elementos biográficos com a análise ideológica e literária da obra de Lima Barreto indo além de uma linha de interpretação muito corrente até então, que supervalorizava o escritor por conta da história de vida do homem. No prefácio que fez para o livro Antonio Candido diz que “Antonio Arnoni Prado tenta vê-lo da maneira mais completa possível , sugerindo como as tensões pessoais e as posições ideológicas se transformaram em composição literária; procurando averiguar qual foi a fórmula de interpenetrações dessas diferentes esferas”¹⁵. Segundo Arnoni Prado a literatura, para Lima Barreto, só tem valor na medida em que questiona e recusa os modelos vigentes, o seu desejo de ser escritor surge comprometido com o fim da figura do literato tradicional e de toda a ordem que o sustentava e foi sob essa perspectiva, de acordo com a sua leitura , que Lima Barreto escreveu o seu romance de estréia:

Na verdade, o aparecimento do *Isaías Caminha* já aponta para um desenho ficcional desvinculado e livre que serve de primeiro ensaio ao projeto deformador da consciência marginal. Nesta, o desejo de fazer um livro desigual, “propositalmente mal feito, brutal por vezes”, transforma o relato num discurso que se banaliza. Diante do leitor está um narrador que se desmascara e faz questão de não ter estilo e nem pretensão literária. De concreto, no seu percurso, a busca de uma saída em meio à densidade do cipoal, o mesmo cipoal em que se perderá o menino Isaías.¹⁶

E é nesse denso cipoal que frustrará os sonhos do menino Isaías que se esconde a ramagem das fórmulas que Lima Barreto quer evitar a todo custo. Para Arnoni Prado a crise do mundo em que se move a personagem Isaías Caminha é também uma crise de linguagem,

¹⁵ CANDIDO, Antonio. Prefácio. PRADO, Antonio A. **Lima Barreto: o crítico e a crise**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p.XI.

¹⁶ PRADO, Antonio Arnoni. **Lima Barreto: o crítico e a crise**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p.21.

pois ela “encerra em si mesma a impossibilidade de representá-lo”,¹⁷ visto sob esse prisma o discurso do personagem Lobo, consultor gramatical de *O Globo*, por exemplo, é emblemático, pois

não é apenas a redução caricatural da voga lexicográfica da época presa aos preconceitos gramaticais tão em voga na época. O episódio de sua demência, mais do que outra coisa, parodia a própria morte da medida acadêmico- retórica, até então alimentada pelo mito da coisa sagrada que fazia do culto da língua um pouco do culto da pátria.¹⁸

Da mesma forma o recurso às galimatias, ou seja, a

mistura diabólica de galicismos, africanismos, indianismos, anglicanismos, cacofonias, hiatos, colisões’ temperado de amarga irreverência , dialoga com os preconceitos puristas imitados a Frei Luiz de Souza e policiados a meia distância pela carranca de João Ribeiro, Said Ali e Rui Barbosa, apontando para situações inexploradas e cheias de originalidade.¹⁹

Um outro aspecto também destacado por Arnoni Prado em **Isaías Caminha** é o de que o suicídio do personagem Floc dialoga metaforicamente com a angústia de Lima Barreto diante da rigidez do sistema, embora antípodas, como assinalou o crítico, ela revela a tentativa de se “escapar aos labirintos das formas que [...] sufocam e [...] estrangulam a intuição criadora”²⁰. Para ele quando Lima Barreto se decide pela literatura “eu quero ser escritor, porque quero e estou disposto a tomar na vida o lugar que colimei. Queimei meus navios; deixei tudo, tudo, por essas coisas de letras” (FM, p.294), “forçará o confronto, aprofundando

¹⁷ Ibid., p.21

¹⁸ Ibid., p.21

¹⁹ Ibid., p.22

²⁰ Ibid., p.22

a consciência de ser proscrito. A mudez irreversível do crítico Floc é um dos emblemas mais expressivos desta atitude que devolve ao sistema a resposta amarga do oprimido”.²¹

Ainda de acordo com Arnoni Prado é em torno do personagem Gregoróvitch (jornalista de origem russa), que Lima Barreto construiu no romance:

uma curiosa caricatura da linguagem acadêmica : ao estilismo que contaminara a imprensa, Gregoróvitch contrapunha o despojamento, a liberação da palavra em função de seus fins. Atrás das palavras não se justificavam mais os preceitos, mas o ímpeto, o imprevisível, antes de mais nada a preocupação com o destinatário.²²

Descrito como o único a ter prestígio e iniciativa na redação de *O Globo* o jornalista russo não tinha “nenhum amor pelos seus escritos; eram como cutiladas, tanto fazia matar, ferindo o pescoço como rachando a cabeça meio a meio. O que ele queria era matar, ferir, golpear: a maneira pouco se lhe dava” (IC, p.181); e é através da abertura dada ao uso da linguagem que se “interioriza na obra de Lima Barreto a tensão-ruptura-enquadramento”²³, evidenciando o contraste Arnoni Prado chama a atenção para o fato de que Lima Barreto

ao propor a linguagem como estratégia de resistência, situando –a num plano antierudito e moderno, suas personagens esgrimem contra o passado e ganham terreno. Dentro do quadro de transformações vitais que anunciavam o novo no Brasil do primeiro decênio do século, a linguagem já se coloca com atitude crítica que recusa ser posta à margem do processo histórico.²⁴

E é desse ponto de vista que é possível entender também o desfecho da trajetória do personagem Lobo, a sua reclusão forçada em um hospício onde “vivia calado pelos corredores ,lendo a *Ensynança de Bem Cavalgar* de El-Rei Dom Duarte.” (IC, p.280), ela diz muito do

²¹ Ibid., p.22

²² Ibid., p.22

²³ Ibid., p.23

²⁴ Ibid., p.23

“embotamento do próprio sistema, arremedo do inútil, da comunicação posta em camisa de força.”²⁵

E conclui Arnoni Prado:

A morte da retórica e do espírito acadêmico, no delírio verbal do gramático Lobo, é assim um pressuposto inevitável ao surgimento do escritor: retorizando a retórica, manipulando a linguagem como espelho que se volta contra o sistema, Lima Barreto inaugura o desgaste dos velhos modelos e, nesse sentido, antecipa alguns sinais da ruptura na transição para o modernismo.²⁶

Em **O profeta e o escrivão** de 1978, Carlos Erivany Fantinati, ao analisar o romance **Recordações do escrivão Isaias Caminha** apoia-se teoricamente em Claude Bremond para caracterizar a sucessão de equilíbrios e de rupturas no desenvolvimento da narrativa. Fantinati defende a tese de que há, na obra de Lima Barreto, uma concepção messiânica de caráter profético. Segundo ele essa postura se verifica tanto no plano da teoria artística revelada neste romance como no plano da construção ficcional; ancorado nesse ponto de vista empreende uma análise cuja pretensão é mostrar a trajetória da personagem Isaias Caminha centrada no projeto de vida do mulato interiorano que busca ascender socialmente no Rio de Janeiro para onde se desloca, mas que, em contato com a realidade, tem suas expectativas frustradas ao enfrentar uma série de obstáculos, tanto pessoais quanto institucionais, que acabam por condená-lo à solidão e à degradação moral. Observa também que Isaias enquanto viveu no meio rural e provinciano foi

objeto de uma convergência de esforços e empenhos, dos quais são eles os parceiros sociais beneficiários e aliados. Essa experiência primeira se harmoniza com os conteúdos de consciência que introjeta mediante o processo de

²⁵ Ibid., p.23

²⁶ Ibid., p.23

sociabilização. Mostra-se ela de tal sorte frutífera que pretende obter uma elevada posição social, por intermédio do coroamento dos estudos e com isso recompensar as expectativas do seus adjuvantes.²⁷

Porém, ao confrontar seu projeto com os valores vigentes no meio urbano Isaías vivencia o fracasso, pois em lugar de encontrar a esperada ajuda defronta-se com danos causados por oponentes sob a forma de trapaça e agressão frontal. “Esses danos não só abalam o projeto inicial, como também a imagem da sociedade como uma harmônica relação de trocas recíprocas e mútuas”.²⁸ Ainda, segundo o crítico, a não realização do desejo de Isaías interfere na seqüência narrativa pois

o que se prenunciava como um encadeamento, configurou-se, na verdade, como um enclave²⁹, pois o fracasso do processo de melhoramento em curso deveu-se à inserção de um processo de degradação que impediu o primeiro de atingir o seu termo normal o personagem passa, assim, de uma relação com a sociedade em que é aliado e beneficiário e vice-versa, para outra, na qual ele é vítima e agredido e a sociedade, trapaceira e agressora. Com essa mudança, o agente chega a tal limite de carência material e de sofrimento que não lhe resta senão empreender uma busca de proteção numa existência marginal e substitutiva do modo de vida levado no meio interiorano. Encontra-a no subúrbio, local que preserva, mas de modo degradado, os vínculos da anterior unidade rural-urbana, e também na Biblioteca Nacional, onde se compraz na leitura de autores realistas.³⁰

No entanto essa vida “circunscrita ao subúrbio, à leitura e a algumas tentativas fracassadas de melhora, é caracterizada, no geral, pela abulia e pela resignação. Não se abre

²⁷ FANTINATI, C. E. **O profeta e o escrivão. Estudo sobre Lima Barreto.** São Paulo: Ilpha/Hucitec, 1978. p.88.

²⁸ *Ibid.*, p. 88

²⁹ O crítico utiliza o termo a partir da leitura de Claude Bremond.

³⁰ *Op.cit.*, p. 89

para nenhuma perspectiva, constituindo-se num impasse.”³¹, que só será superado com a admissão de Isaías para contínuo do Jornal *O Globo*. O crítico ressalta também que o projeto elaborado por Isaías, cuja consecução levou-o ao Rio de Janeiro continha o desejo

de resgatar o ‘pecado original’ da vertente negra e escrava de sua origem. Entendia ele então a cor negra de sua mãe como uma ‘mancha’, uma mácula que exprimia um estado de degradação e mesmo de pecado, resultante da violação da lei divina, e cujo castigo e condenação se manifestavam na condição escrava. Em termos mitológicos, o negro era-lhe a imagem do centauro Néssus, apresentando-se-lhe como um ser meio humano e meio animal, observável na ‘fisionomia simiesca’ que ostenta um negro velho, com quem se defronta.³²

Para ele tratava-se de uma tarefa redentora para a qual cria-se predestinado a de elevar o negro a uma condição humana e heróica. No entanto, o que Isaías constata no meio urbano e na redação de *O Globo* é que a raça branca, em lugar de ser a expressão do heróico e do divino, do transcendente como a imagem que dela construía a partir de seu pai, correspondia na verdade a do centauro. Para Fantinati, através dessa mudança de percepção Isaías compreende que branco e negro mais que atributos raciais são características sociais

na cúpula da sociedade encontram-se brancos de pele e de postura, moralmente negros, isto é, impuros, e espiritualmente escravos e, portanto, injustamente possuidores da riqueza e do poder; na base da sociedade acham-se os negros de pele e de vida, moralmente brancos, isto é, puros, injustamente desumanizados pela escravidão física, social e econômica, em razão do ordenamento societário estar nas mãos dos primeiros.³³

³¹ Ibid., p.89

³² Ibid., p.134

³³ Ibid., p.138

Amplia-se então o seu projeto de redenção, trata-se agora de redimir todos os “negros” do mundo independente da cor da pele, libertar os homens “ da sua miséria e desumanização física, social e econômica, os negros pobres e os brancos nas mesmas condições, moralmente justos e próximos do divino; [...] e os da etnia negra que a eles buscam assemelhar-se, socialmente injustos e próximos dos animais.”³⁴

E por fim apresento dois estudos recentes e com uma mirada bastante diferente dos já vistos aqui e também bem diversos entre si: o primeiro deles, trata-se de um capítulo do livro publicado em 1998, **Trincheiras de Sonho: ficção e cultura em Lima Barreto**, de autoria da professora e pesquisadora da obra do escritor, Carmem Lucia Negreiros de Figueiredo. Analisando os romances **Triste fim de Policarpo Quaresma**, **Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá** e **Recordações do escrivão Isaías Caminha**, Carmem Lúcia afirma que eles formam um conjunto de ficção que “dialoga entre si e com a tradição cultural e literária, através de um tema comum: a reflexão crítica sobre o intelectual e a *palavra* (especialmente a ficcional) num contexto onde a exceção é a regra e a racionalidade contamina-se de imaginação”³⁵.

No capítulo do livro denominado *Isaías Caminha no país da palavra*, a pesquisadora revela-nos através de sua minuciosa leitura que o romance é uma ousada tentativa de Lima Barreto “ de revelar aos homens a História que eles fazem, isto é, relatar a viagem pelo país da palavra. Seu público alvo- o intelectual, o dono da palavra; sua finalidade – mostrar-lhes a dimensão e o alcance da palavra no imaginário social e na conduta do homem anônimo que nela acredita e por ela sonha”.³⁶ O romance como sabemos é aberto com a “ Breve Notícia” que historia sua aparição e que explica também a necessidade de inserção, novamente, do

³⁴ Ibid., p. 138

³⁵ FIGUEIREDO, C. L. Negreiros de. **Trincheiras de sonho: ficção e cultura em Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. (orelha).

³⁶ Ibid., p.162

prefácio do pseudo-autor e escritor Isaiás Caminha como fora publicado na edição da revista **Floreal** em 1907.

De acordo com a pesquisadora a “nota prévia” anuncia ao leitor um percurso biográfico que é enfático na denúncia que faz das injustiças e dos preconceitos sociais, inclusive do preconceito racial

para, no entanto, oferecer-lhe uma inquietante trilha da *palavra* que se reparte em várias funções atuantes e simultâneas: a) a palavra *literária*-a trajetória da própria criação do romance; b) a palavra nos bastidores de sua produção, os meios intelectuais e, à época, o mais sofisticado desses meios, a *imprensa*; c) a *palavra* no movimento do *cotidiano* que molda os sonhos e ações do homem comum.³⁷

Em sua leitura Carmem Lúcia aponta que Lima Barreto constrói uma narrativa em que os fatos mais importantes da vida do protagonista estão associados à

palavra enquanto discurso de saber. O lugar de origem de Isaiás Caminha marca-se pela ambigüidade de situar-se entre o “espetáculo de saber do pai”, padre da pequena cidade onde nascera e, portanto, proibido de revelar sua paternidade, e a ignorância da mãe, dócil, submissa e socialmente marginalizada pela pobreza. Desse lugar entre o desamparo e o poder, Isaiás apreende a noção de sagrado para o saber: “...sabendo, ficávamos de alguma maneira sagrados, deificados.”³⁸

Porém, o saber na nossa sociedade para ser reconhecido e respeitado, necessita da legitimação outorgada pela posse do diploma, do título de doutor, e é em busca desse sonho que Isaiás vai para o Rio de Janeiro, mas para poder sobreviver na capital precisará de uma carta de recomendação do Coronel Belmiro ao deputado Castro para que possa conseguir um emprego a fim de garantir sua sobrevivência, “nessa perspectiva vem à tona uma função da

³⁷ Ibid., p.163

³⁸ Ibid., p.163

palavra, intermediária entre os círculos do poder e o indivíduo, a indicação formal de alguém a um cargo ou função, não por mérito, mas por favor”.³⁹

A carta de apresentação escrita pelo coronel Belmiro revela-nos “um apoio vago, impreciso [...]. o seu texto põe em evidência o conteúdo das relações de troca, guardado sob as expressões de compadrio: um capitalismo burocrático e patronal capaz de delegar o poder numa relação de reciprocidade, isto é, o Estado se organiza, no Brasil, de similar às estruturas localistas ou regionais”.⁴⁰

Já no Rio de Janeiro, Isaías experimenta num primeiro momento uma identificação com o mundo ao seu redor, para depois, na medida em que sua esperança de ajuda por parte do deputado Castro é frustrada passa a sentir-se à margem e completamente deslocado, e, assinala a pesquisadora, que além da impossibilidade de conseguir o seu sustento, os primeiros passos de Isaías na nova terra trazem gradativamente a revelação daquilo que ela chama de *trincheiras de sonho*. O primeiro desvelar se dá no encontro com o deputado Castro, pois ao invés de encontrá-lo na Câmara, espaço do poder público onde deveria estar legislando em prol dos interesses do país, Isaías só consegue encontrá-lo no espaço privado, numa luxuosa casa onde vivia com a amante, embora mantivesse a imagem de zeloso “pai de família”.

A recusa do deputado em ajudá-lo somada à indiferença de todos diante de sua situação de abandono levam - no à consciência de que cometera um erro ao ler, ou seja, as convenções com as quais entendia o mundo sofrem uma ruptura de sentido. Isaías aprende através do sofrimento que a palavra se materializa através do deslocamento de sentido, isto é, “título não é sinônimo de conhecimento e este não significa, apenas, saber, mas relações- de

³⁹ Ibid., p.164

⁴⁰ Ibid., p.164

influência, compadrio, etc.”. ⁴¹ O personagem “transita pelos bastidores da palavra -seu movimento , da criação ao real e vice-versa- projetando-se como sujeito e objeto, como narrador e personagem, vítima dos ludíbrios dos enunciados sociais.”⁴²

Isaías acaba encontrando em Gregoróvitch, jornalista estrangeiro, de crítica independente e sagaz, uma pessoa que irá auxiliá-lo, e com seu apoio sai do “submundo onde as palavras se articulam em vão , para os bastidores da imprensa- onde a palavra é magia e poder, promessa e frustração, realidade e sonho.” ⁴³ Colocado na sala de espera da redação do jornal *O Globo* pelo autor, o personagem Isaías a apresenta ao leitor como “ diminuta, acanhada e abafada”, contradizendo assim a importância que o Diário recentemente lançado vinha amalhando junto à opinião pública e “ para melhor situar a posição do observador crítico do protagonista narrador, o autor constrói um discurso irônico que desestabiliza a objetividade do seu ponto de vista.”⁴⁴ Diz ele: medroso e esfomeado, deixei-me permanecer alguns minutos debaixo daquele teto que abrigava a falange sagrada que vinha combatendo pelos fracos e oprimidos (IC, p. 151). No romance os integrantes do jornal serão apresentados com os traços de caricatura, o leitor ficará sabendo que os produtores da palavra formadora de opinião são de inteligência medíocre, sem talento e sensibilidade e vários deles se pautam pelo uso da corrupção e violência.

Para a pesquisadora “a escolha do riso para expressar as contradições dos bastidores da palavra , enquanto poder e fetiche, também significa um mergulho na tradição cultural brasileira”⁴⁵, no entanto enfatiza ela que o riso no Brasil tem um caráter de gravidade, melancolia, impotência e dor porque denuncia a distância existente entre os discursos políticos de caráter reformistas e a realidade social. Carmem Lúcia aponta também que

⁴¹ Ibid., p.167

⁴² Ibid., p.168

⁴³ Ibid., p.173

⁴⁴ Ibid., p.174

⁴⁵ Ibid., p.176

coaduna-se a literatura de Lima Barreto com o melhor de nossa tradição literária que, desde Gregório de Matos, Manuel A. de Almeida, Machado de Assis a Guimarães Rosa, apreende as diversas formas de expressão do riso como manifestação de uma delicada linha de continuidade, marcada pela melancolia e dor de vozes abafadas e sonhos mutilados, por trás dos rígidos limites da história romântica ou positivista da cultura brasileira. Nessa perspectiva afirma Guimarães Rosa: a estória não quer se história. A estória em rigor deve ser contra a História. A estória, às vezes, quer-se um pouco parecida à anedota.⁴⁶

O que fez então Lima Barreto em **Recordações do escrivão Isaías Caminha** foi discutir a importância da literatura perante essas contradições e o fez tanto pela escolha em “apresentar a *palavra*, e seus produtores, em sua forma mais sofisticada- enquanto poder pela imprensa- com os recursos da caricatura, tanto pelo relato das dificuldades do escrivão em elaborar as suas ‘memórias’, além da exploração em profundidade do sujeito Isaías Caminha.”⁴⁷

E para finalizar essas considerações sobre o que julgo mais relevante na fortuna crítica do romance **Recordações do escrivão Isaías Caminha**, apresento as reflexões do crítico e professor de Literatura Brasileira, Alfredo Bosi, contidas no ensaio Figuras do eu nas recordações de Isaías Caminha que integra o livro **Literatura e resistência** publicado em 2002. A leitura feita por Alfredo Bosi tem como objetivo “compreender como o narrador reconstruiu as imagens do seu próprio *eu* na sua educação para a vida adulta, que passou longamente pelos meandros do jornal.”⁴⁸

Segundo o crítico nas páginas iniciais do romance, o menino Isaías ainda não introjetara a figura do mulato pobre, diante do pai, branco, inteligente e ilustrado e que lia a

⁴⁶ Ibid., p.178

⁴⁷ Ibid., p.179

⁴⁸ Op. cit., p. 187

vida de Napoleão e chamava-lhe a atenção para a coincidência das datas de seu nascimento, punha-se a colimar uma vida de glórias para si:

um signo de vitórias futuras, que marcava o despontar de um *eu* já mergulhado em sonhos de uma grandeza posta muito acima da sua condição de raça e classe. Adiante se verá quanto essas aspirações de prestígio se concentrariam na obtenção do título de doutor com direito a anel e às respectivas demonstrações de deferência, ‘a superior consideração de toda a gente’.⁴⁹

Mas sobre essa aura pairava a sombra da figura materna, mulata, pobre, o

contraponto ao mesmo tempo distingue e funde, na alma da criança, a imagem luminosa do seu futuro *eu* – desdobramento do pai forte e inteligente- e a imagem das origens obscuras que lhe parecia virem da ‘ignorância da mãe’. ‘Se minha mãe me parecia triste e humilde- pensava eu naquele tempo- era porque não sabia, como meu pai, dizer os nomes das estrelas e explicar a natureza da chuva...’ Em uma breve passagem de memória de infância, Isaías evoca um quadro de um lar em que a mãe trata o marido cerimoniosamente, quase como uma criada se dirige ao patrão.⁵⁰

No Brasil imperial o caminho aberto à criança de origem modesta negra ou mestiça para que consiga a ascensão social através da aquisição da cultura letrada é um fato, Machado de Assis, André Rebouças e outros são exemplos disso, mas de acordo com Bosi o que “Lima Barreto nos revela pela boca de Isaías Caminha, é o drama da subida precocemente interrompida. Ingressando na vida adulta, o jovem promissor se vê desamparado dos primeiros apoios e cai na esfera competitiva de um meio onde vicejam a hostilidade ou o desprezo pelo pobre e, em particular pelo negro e o mestiço.”⁵¹

Bosi afirma que o narrador de Isaías Caminha, desenganado, sabe que as expectativas serão frustradas e por isso ele as evoca de uma maneira muito candente trazendo ao texto ecos

⁴⁹ Ibid., p.188

⁵⁰ Ibid., p.188

⁵¹ Ibid., p.189

da “escrita confessional que de Rousseau a Dostoievski contrapunham às amargas realidades da vida adulta as doces miragens da adolescência.”⁵² Há em Isaías traços de *bovarismo*, também atribuído à pessoa de Lima Barreto, em sua vontade de se distinguir dos demais constrói para si uma idéia de futuro cheio de conquistas e glórias: “Todas as manhãs, ao acordar-me, ainda com o espírito acariciado pelos nevoentos sonhos de bom agouro, a sibila me dizia ao ouvido: Vai, Isaías! Vai...Isto aqui não te basta... vai para o Rio! (IC, p. 47).

Os motivos para que Isaías vá para o Rio são muitos e fortes e é nessa hora que ele vive ,segundo a leitura de Bosi, o momento decisivo de sua existência, é nesse momento que se “superpõem, em penosa contradição, o *eu* enfunado pelos sonhos de triunfo, desdobramento da imagem paterna, e o *eu* mortificado pela sombra da mãe.”⁵³ e ainda:

as páginas iniciais das *Recordações* compõem um prelúdio em que já se desenham os temas fundamentais da obra: o *eu* do desejo e da imaginação com suas fantasias de grandeza intelectual e prestígio social (“ não sei que exaltada representação de mim mesmo”) e o *eu* do cotidiano, deprimido e sempre à beira da humilhação.⁵⁴

Ao chegar no Rio de Janeiro, na etapa anterior à entrada no jornal, Isaías irá vivenciar a discrepância existente entre o Brasil que ele pensa existir e o Brasil que realmente existe. Bosi assinala como já expus no início deste capítulo, o alto valor documental dessas “páginas de espanto” nas quais instituições como o Exército, a Câmara dos Deputados e a delegacia de polícia “descritas por um interiorano que as vê pela primeira vez produz um duplo efeito de estranhamento e passagem a mais uma etapa de maturação do narrador”.⁵⁵ Essa maturidade é

⁵² Ibid., p.189

⁵³ Ibid., p.190

⁵⁴ Ibid., p.191

⁵⁵ Ibid., p.193

que começará a dar forma ao “*eu crítico* que sofreria altos e baixos quando a sua vida pública se entrosasse no dia-a-dia da imprensa.”⁵⁶

O professor Bosi destaca que:

A formação dessa consciência , que se mostrará móvel e frágil, vai ser o motivo condutor da longa experiência de Isaías como jornalista do *Globo*, nome que o autor deu ao *Correio da Manhã* , o mais importante jornal carioca do começo do século. A condição de empregado subalterno não faria senão acentuar a precariedade daquele *eu crítico* que nascera nos primeiros desencantos com a capital.[...]. O narrador aponta a ação do tempo e do hábito sobre a consciência: “No começo custei a conformar-me com a posição de contínuo, mas consolei-me logo, ao lembrar-me dos meus heróis do *Poder da vontade*”. E o temor de voltar à condição inicial dá a motivação mais forte do *eu* resignado: “Relembrava-me da minha vida anterior; sentia ainda muito abertos os ferimentos que aquele choque com o mundo me causara. Sem os achar, em consciência, justos, acobardava-me diante da imagem de novas torturas.”⁵⁷

Portanto, para o crítico é a partir da consciência que o narrador possui de sua própria vulnerabilidade que se entende o largo espaço concedido à sátira do jornal na composição do romance. À luz da distinção proposta por Lukács entre *narrar* e *descrever*, Bosi afirma que “as situações em que aparecem figuras caricatas pertencem ora à ordem do descrever, ora à ordem do narrar. São tomadas em *close*, ‘álbum de fotografias’, no dizer pejorativo de Medeiros e Albuquerque, mas, ao mesmo tempo, dão a conhecer lances do aprendizado de Isaías.”⁵⁸ Assinala também o crítico que em **Recordações do escrivão Isaías Caminha** não é possível detectar adesão firme e convicta a qualquer idéia ou discurso ideológico das personagens bizarras que Isaías conhece em suas andanças pelos cafés e na redação do jornal, mas que de qualquer modo “a experiência de Isaías nos bastidores da empresa dá-lhe uma

⁵⁶ Ibid., p.195

⁵⁷ Ibid., p.195

⁵⁸ Ibid., p.200

percepção aguda das relações que esta entretém com os homens do dinheiro e do poder. Daí vem o caráter incisivo do seu discurso anticapitalista, zona de convergência das doutrinas socialistas, anarquistas, comunistas e, tangencialmente positivistas.”⁵⁹

O crítico conclui o seu ensaio destacando que um dos momentos altos do romance é aquele em que Isaías transcende através da reflexão o seu estigma individual e volta-se para o outro, para a dor do outro; assistindo a uma briga entre duas mulheres em uma delegacia, o narrador empresta sua voz àqueles que não têm contra as injustiças decorrentes da máquina social:

A rapariga falava desigualmente: ora alongava as sílabas, ora fazia desaparecer outras; mas sempre possuída das palavras, com um forte acento de paixão superposto ao choro. As palavras saíam-lhe animadas, cheias de uma grande dor, bem distante da pueril querela que as provocara. Vinham das profundezas do seu ser, das longínquas partes que guardam uma inconsciente memória do passado, para manifestarem o desespero daquela vida, os sofrimentos milenares que a natureza lhe fazia sofrer e os homens conseguiram aumentar. Senti-me comunicado dessa imensa emoção: ela penetrava-me tão fundo que despertava nas minhas células já esquecidas a memória enfraquecida desses sofrimentos contínuos que me pareciam eternos: e achando-os por debaixo das noções livrescas, por debaixo da palavra articulada, no fundo de minha organização, espantei-me, aterrei-me, tive desesperos e cristalicei uma angústia que me andava esparsa. (IC, p.114)

Ou seja, segundo Alfredo Bosi, ao se solidarizar com o sofrimento alheio, Isaías consegue nomear aquilo que o atingia no seu âmago:

No momento de empatia com a dor alheia o *eu* se descobre no outro sem perder a consciência de si mesmo. O que aproxima o eu do outro e lhe permite experimentar o sentimento da comunhão é o passado comum de *sofrimentos milenares*. O legado que o pobre recebeu está como que submerso, *adormecido*, na letargia do inconsciente. Isaías constata nas próprias *células enfraquecidas* o esquecimento

⁵⁹ Ibid., p.203

dessa herança. Mas na hora breve da empatia, que é um sentir-dentro, mais do que do que o sentir- com da simpatia, a memória desperta. Então, as *noções* livrescas revelam-se superficiais e o eu cristaliza, com espanto, terror, e desespero, *uma angústia que estava dispersa*. Fiquemos com esta última fórmula existencial e conceitual: a cristalização da angústia. Reconstituindo, passo a passo, o processo de identificação de Isaías com a humanidade sofrida, o leitor de Lima Barreto toca estratos de sentido que, em estilo diverso, tinham sido alcançados por Cruz e Sousa nas prosas "Dor negra" e "Emparedado".

No Brasil republicano, como em tantas outras formações sociais egressas de um passado colonial, raça e classe sobrepujam-se definindo uma condição subalterna que nem sempre o talento individual ou o favor conseguia resgatar. A poesia e a ficção mostram a face subjetiva dessa história que, em grande parte, ainda é nossa contemporânea.⁶⁰

Feita a apresentação do que considero o mais importante da fortuna crítica do romance **Recordações do escrivão Isaías Caminha**, no próximo capítulo será abordada a história de Lima Barreto jornalista, as suas tentativas de ingressar no jornalismo profissional, a sua colaboração na pequena imprensa, operária e sindical; e também será contada a história do jornal carioca **Correio da Manhã**, fundado por Edmundo Bittencourt, e que foi representado, literariamente, no romance.

⁶⁰ Ibid., p. 208

CAPÍTULO 2

UM JORNAL, UM ESCRITOR E UM ROMANCE

Pior é,[...] o sujeito que, escritor, se mete a também jornalista. Aí, perderá potencial maior- o tempo, a vergonha, o talento e o estilo.

João Antônio

Como já foi apontado no capítulo anterior, há uma lacuna na fortuna crítica de Lima Barreto no tocante ao romance **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. Muito embora ele tenha sido objeto de pertinentes análises levadas a cabo por importantes críticos, o que se percebe é que mesmo na atualidade o romance segue sendo estudado sempre em conjunto com outras obras do escritor⁶¹. Arrisco dizer que, talvez, seja porque nele as questões apresentadas pelo escritor, como, por exemplo, a articulação do esquema de controle ideológico que perpassa todo o romance, aparecem de maneira muito clara, menos elaborada, grosseira até, muito diferente da diluição que vivenciamos hoje; e isso de certa forma torna esta obra menos atrativa para a geração de estudiosos contemporâneos, porque possivelmente não lhes pareça uma obra complexa e que comporte um estudo de fôlego.

No entanto, do meu ponto de vista, é justamente essa clareza na exposição dos mecanismos de funcionamento desse controle que o tornam merecedor de uma análise aprofundada tendo como epicentro a imprensa como uma das instâncias de Poder, assunto que será tratado no próximo capítulo, haja vista que neste tratarei da contribuição de Lima Barreto à imprensa da época e também da História do jornal **Correio da Manhã**, representado literariamente no romance **Recordações do escrivão Isaías Caminha**.

⁶¹ Recentemente fiz uma busca em bancos de teses e dissertações das principais universidades brasileiras e não encontrei nenhum trabalho somente sobre o romance, as leituras das **Recordações do escrivão Isaías Caminha** sempre estão acompanhadas de alguma outra obra de Lima Barreto.

Lima Barreto, como já é de conhecimento corrente quando jovem, foi estudante de engenharia na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e foi ali que deu os primeiros passos para fazer aquilo de que mais gostava: escrever. Indicado por Bastos Tigre⁶² para substituí-lo como responsável pela seção da Escola Politécnica em **A Lanterna**, jornalzinho de estudantes que se intitulava “órgão oficioso da mocidade de nossas escolas superiores”, e, recorrendo ao artifício do pseudônimo, “traça o perfil de colegas e lentes com azedume. A pena é ferina. O sarcasmo já brilha nas suas crônicas. É a reação contra o meio que começa a processar de modo inevitável”.⁶³

Porém, devido à doença de seu pai que fora compulsoriamente aposentado, Lima Barreto teve de abandonar a Escola Politécnica, pois na condição de filho mais velho se viu na iminência de se responsabilizar pelo sustento da família e ao mesmo tempo dar um outro rumo a sua própria vida. Presta, então, concurso para amanuense da Secretaria de Guerra; nomeado a 27 de outubro de 1903, trabalhou até 1918, ano em que requereu aposentadoria por invalidez e que lhe foi concedida. Nesses anos em que trabalhou na burocracia pública viveu dividido e amargurado por não poder dedicar-se exclusivamente aquilo que dava razão a sua existência⁶⁴ - a literatura - e também por não poder dizer abertamente o que pensava, como esclareceu na crônica *Quem será afinal?*, publicada no jornal **A.B.C.** em 25/1/1919.

Aposentado como estou, com relações muito tênues com o Estado, sinto-me completamente livre e feliz, podendo falar sem rebuços sobre tudo que julgar contrário aos interesses do país [...].

⁶² Manuel Bastos Tigre, pernambucano, formou-se em engenharia em 1906, mas nunca exerceu o ofício. Dedicou a vida à literatura, entendida de forma plural, pois seus trabalhos abarcam a poesia humorística, o jornalismo, a publicidade e o teatro. Foi por muitos anos bibliotecário e por isso recebeu o título de patrono dos bibliotecários do Brasil. Cf. TIGRE, Bastos. **Instantâneos do Rio antigo**. BALABAN, Marcelo (org.). Campinas: Mercado de Letras, 2003. (Col. Letras em série).

⁶³ BARBOSA, Francisco de Assis. **A Vida de Lima Barreto**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988, p. 79.

⁶⁴ Na crônica *Esta minha letra*, Lima Barreto afirma: “Eu quero ser escritor, porque quero e estou disposto a tomar na vida o lugar que colimei. Queimei os meus navios; deixei, tudo, tudo, por essas coisas de letras.” (FM, p.294).

Esperava desde muito estes dias de completa liberdade, de independência quase total, para poder dizer da minha pobreza a franca verdade aos poderosos e ricos que assim se fizeram por toda a sorte de maneiras, honestas e desonestas. Hei de dizer-lhes aos poucos...

Durante os quinze para os dezesseis anos em que guardei as conveniências da minha situação burocrática, comprimi muito a custo a minha indignação e houve mesmo momentos em que ela, desta ou daquela forma, arrebentou.

Muitas atitudes minhas, incompreensíveis aos olhos desses fariseus por aí, vinham do angustioso recalque dos ímpetos de minha alma e da obrigação em que estava de dizer pela metade aquilo que eu podia dizer totalmente. (BA, p. 134)

Embora de alguma maneira tenha se calado, a rotina monótona do emprego público não toldou o seu talento e a vontade de escrever; naqueles tempos “podia se dizer que o Rio de Janeiro era, [...], a cidade dos cafés.”⁶⁵, e foi neles que Lima Barreto “veio a travar relações com o meio intelectual da época. Com ‘uma porção de artistas, de poetas, de filósofos, de cronistas, jornalistas e repórteres’”.⁶⁶ Junto com Bastos Tigre, um dos que está sempre nas rodas, faz as revistas **A quinzena Alegre** e **O Diabo**, ambas de vida efêmera, e colabora também no **Tagarela**, jornal humorístico dos melhores da época. Conforme narra Francisco de Assis Barbosa em **A Vida de Lima Barreto**, talvez, devido ao fato de que o salário de amanuense da Secretária de Guerra somado à aposentadoria do pai mal dava para as despesas, como pode ser visto no “orçamento definitivo” registrado no ano de 1904 no seu **Diário Íntimo**, Lima Barreto almejasse fazer do jornalismo um ganha pão.

No final de 1903, Carlos Viana, também seu ex-colega na Escola Politécnica, lhe confia a secretaria da **Revista da Época**, mas Lima Barreto nela ficará por pouco tempo:

É que não se conformaria jamais em escrever louvores, mesmo sem a sua assinatura, aos mandarins da política. Por isso demitiu-se meses depois, enviando a Carlos Viana uma carta em que confessa ter rompido, cheio de vergonha, “numa

⁶⁵ Ibid., p.108

⁶⁶ Ibid., p.112

crise de desespero”, um artigo encomendado pelo diretor: “Oito tiras” de papel, elogiando um senador do Paraná, figura influente na política.

Lima Barreto não tinha ordenado fixo na *Revista da Época*, recebia *pro labore*. A sua atitude podia desgostar o amigo. Por outro lado, ia pesar no “orçamento definitivo”, o que pouca importância teria, para ele, quando se tratava de escolher entre ganhar dinheiro ou ficar em paz com sua consciência .⁶⁷

Um ano depois em nova tentativa de ingressar no jornalismo profissional, Lima Barreto fez uma série de reportagens para o **Correio da Manhã** (entre abril e junho de 1905), sobre as escavações dos subterrâneos do Morro do Castelo recentemente publicadas em livro⁶⁸. Não se sabe ao certo quem o levou para o **Correio**, talvez, Bastos Tigre ou Pausílipo da Fonseca, seus amigos, ambos trabalhavam no jornal. E foi certamente dessa vivência que recolheu os elementos que depois viriam ser trabalhados literariamente no **Isaías Caminha**. Paralelamente a essas tentativas de trabalhar também como jornalista, vai desenvolvendo seu projeto literário, como podemos ver a partir das anotações que fez em seu **Diário Íntimo**, numa anotação de 1904 vemos: “Um leitor de Balzac. Era um meio velho, que encontrava sempre com um volume da *Comédia Humana*. (Conto)”, ou o início, no mesmo ano, de um romance cujo tema se aproximava do enredo de **Clara dos Anjos**, novela incabada e que foi editada após a sua morte e ainda o projeto de um outro romance intitulado *Marco Aurélio e seus irmãos*.

No primeiro semestre de 1907, Lima Barreto trabalhou como redator da revista **Fon-Fon**, dirigida por Mário Pederneiras. Por essa época, ele já tinha escrito os primeiros capítulos do **Isaías Caminha**⁶⁹ e também já começara, em 1906, a trabalhar o que seria o romance **Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá**, como se pode ver no **Diário Íntimo** na primeira entrada

⁶⁷ Ibid., p.113

⁶⁸ Essas reportagens não eram assinadas e somente Francisco de Assis Barbosa mencionara sua existência. Mas agora, felizmente, podemos ter acesso a elas graças ao trabalho de organização da professora Beatriz Resende, da Faculdade de Letras da UFRJ. Cf.: BARRETO, Lima. **O Subterrâneo do Morro do Castelo**: Um Folhetim de Lima Barreto. RESENDE, Beatriz (org.). Rio de Janeiro: Dantes, 1997.

⁶⁹ A Breve Notícia que abre o livro é datada de 12 de julho de 1905.

daquele ano. Sua saída da **Fon-Fon** deu-se, de acordo com Francisco de Assis Barbosa, porque se convenceu da “ inutilidade do seu esforço de procurar o caminho da imprensa burguesa, para sua iniciação na carreira de escritor. Submeter-se-ia a qualquer sacrifício, menos o de transigir com a mediocridade”.⁷⁰ E também porque a atitude de superioridade que os proprietários da revista mantinham para com ele feria-lhe o orgulho. Na carta que escreveu a Mário Pederneiras, demitindo-se da revista, deixou claro o que pensava e sentia:

Não me gabo de ser lá grande escritor, muito menos que o seja para os proprietários da lindíssima *Cosmos* (ambas revistas eram dos mesmos donos, nota minha); entretanto tenho feito esforços, neste e naquele gênero, para os agradar. Fantasio, imagino, faço química, escrevo pilhérias... não há meio!

Demais, vejo que as coisas minhas não agradam, ficam à espera enquanto as de vocês nem sequer são lidas, vão logo para a composição. [...]

Eu mais do que ninguém, já pela idade, já pelo talento, estou disposto a me curvar, a respeitar, tanto a ti, Mário Pederneiras, como ao Mário Behring; mas se não me gabo de ser escritor (eu o sou, segundo eu mesmo), contudo, pela minha educação inicial, orgulho-me de ter alguma penetração e um pouco o dom de colher analogias; assim, atribuo à antipatia dos donos da revista o desfavor em que estou, e toda a gente sabe o que é a antipatia no julgamento de um escritor...

Induzi também que é a tua bondade que me mantém lá – o que agradeço de coração – mas que o meu orgulho não aceita. (C1, p.162-163)

Segundo Nelson Werneck Sodré, a passagem do século XIX para o XX marcou no Brasil a transição da pequena à grande imprensa:

Esta transição começara antes do fim do século, naturalmente, quando se esboçara, mas fica bem marcada quando se abre a nova centúria. Está naturalmente ligada às transformações do país, em seu conjunto, e, nele, à ascensão burguesa, ao avanço das relações capitalistas: a transformação na imprensa é um dos aspectos desse avanço; o jornal será, daí por diante, empresa capitalista, de maior ou menor porte.⁷¹

⁷⁰ BARBOSA, op.cit., p. 132.

⁷¹ SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 315.

Nesse novo cenário, alteram-se as relações do jornal com seus leitores, anunciantes e a política, o jornalismo vai deixando de ser um empreendimento individual, atividade exercida por homens que passaram a nossa História como observa o próprio Lima Barreto no **Isaías Caminha**: “antigamente entre nós, o jornal era de Ferreira de Araújo, de José do Patrocínio, de Fulano de Beltrano... Hoje de quem são?” (IC, p. 146). Aos homens de letras a nova imprensa impõe que “escrevam menos colaborações assinadas sobre assuntos de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condições de redigir objetivamente reportagens, entrevistas, notícias.”⁷² O espaço antes ocupado pela literatura, como pelo folhetim, por exemplo, vai sendo gradativamente substituído por seções de crítica literária, esboço dos futuros suplementos literários e cadernos culturais. Decorre dessa mudança, a “proliferação das revistas ilustradas [...]. Nelas é que irão se refugiar os homens de letras, acentuando a tendência do jornal para caracterizar-se definitivamente como imprensa; as revistas passarão, pelo menos nessa fase, por um período em que são principalmente literárias, embora também um pouco mundanas e , algumas críticas.”⁷³

Lima Barreto foi um dos que se jogou de corpo e alma no projeto de uma revista que queria literária e crítica, a **Floreal**, que, como já foi dito no primeiro capítulo, era fruto da reunião de um grupo heterogêneo, lançada em outubro de 1907, seu aparecimento “não foi, e nem podia ser, nada auspicioso. Além de algumas notas em jornais e de um artigo amável de Gonzaga Duque, no *Diário do Comércio*, nenhuma outra repercussão alcançou nos meios intelectuais.”⁷⁴. Por ocasião do terceiro número, conseguiu despertar, finalmente, a atenção do crítico José Veríssimo, que escreveu em sua coluna no **Jornal do Comércio**:

⁷² Ibid., p.339

⁷³ Ibid., p.340

⁷⁴ BARBOSA, op.cit., p. 134.

Ai de mim, se fosse a ‘revistar’ aqui quanta revistinha que por aí aparece com presunção de literária, artística ou científica. [...]

Abro uma exceção, que não desejo fique como precedente, para uma magra brochurazinha que, com o nome esperançoso de *Floreal*, veio ultimamente a público, e onde li um artigo ‘Spencerismo e anarquia’ do Senhor M. Ribeiro de Almeida, e o começo de uma novela, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, pelo Senhor Lima Barreto, nos quais creio descobrir alguma cousa. E escritos com uma simplicidade e sobriedade, e já tal qual sentimento de estilo que corroboram essa impressão.⁷⁵

No entanto, a publicação não passou da quarta edição, sua proposta estava absolutamente na contramão da concepção de literatura vigente no período, definida pelo escritor Afrânio Peixoto como “o sorriso da sociedade”⁷⁶. Na apresentação da revista, essa diferença foi muito bem explicitada por Lima Barreto:

Não se trata de uma revista de escola, de uma publicação de “clã” ou maloca literária [...].

Não se destina pois a *Floreal* a trazer a público obras que revelem uma estética novíssima e apurada; ela não traz senão nomes dispostos a dizer abnegadamente as suas opiniões sobre tudo o que interessar a nossa sociedade, guardando as conveniências de quem quer ser respeitado. É uma revista individualista, em que cada um poderá, pelas suas páginas, com a responsabilidade de sua assinatura, manifestar as suas preferências, comunicar as suas intuições, dizer os seus julgamentos, quaisquer que sejam. (IL, p.181-182)

O escritor prossegue já abrindo o sendeiro que trilharia até o final, o de crítico observador e arguto da imprensa brasileira sua contemporânea: “[...] nenhum de nós de teve a rara felicidade de nascer de pai livreiro, e pouca gente sabe, que não sendo assim, só há um meio de se chegar ao editor – é o jornal. Pouca gente sabe também que o nosso jornal atual é a

⁷⁵ Ibid., p. 135

⁷⁶ A expressão “sorriso da sociedade” foi usada pelo escritor Afrânio Peixoto para designar sua própria concepção de literatura. Em depoimento a Homero Senna, declara: “A literatura, ou as belas-artes puras, comparei-as ao sorriso da sociedade porque só nas épocas felizes a gente sorri. [...] Mas só um ambiente social tranqüilo e feliz permite o aparecimento de um livro notável”. In SENNA, Homero. **A república das letras**: entrevistas com vinte grandes escritores brasileiros. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 90.

cousa mais ininteligente que se possa imaginar. (IL, p.182). Lima Barreto a essa altura, como se pode ver, já sabia do poder e do prestígio que a imprensa conferia, porém ele e seus companheiros da **Floreal** não estavam dispostos a abrir mão de suas convicções a respeito da boa prática jornalística e do fazer literário:

Nós não queremos isso. Burros ou inteligentes, geniais ou medíocres, só nos convenceremos de que somos uma ou outra cousa, indo ao fim de nós mesmos, dizendo o que temos a dizer com a mais ampla liberdade de fazê-lo. Temos grandes dúvidas, insisto, mas não tantas que façamos residir toda a grandeza da literatura, todo o seu alcance e destino superiores, em rutilantes crônicas duvidosamente impressionistas ou no desenvolvimento em conto das anedotas da folhinha *Laemmert*. (IL, 183)

O projeto não vingou, a revista não passou da quarta edição, e a partir daí Lima Barreto enveredou por um caminho cada vez mais independente, postura que manterá o resto da vida; em 1922, meses antes de sua morte, escreveu, orgulhoso: “Sou escritor e, se mérito outro não tenho, me gabo de ser independente.” (MA, p.74). Apesar de nunca ter se tornado um jornalista profissional, pois trabalhou durante 14 anos no Ministério da Guerra, Lima Barreto sempre colaborou na imprensa, atividade intensificada após sua aposentadoria em 1918. Essa produção circunstancial é fundamental para se entender o conjunto de sua obra⁷⁷, pois

Lima Barreto não era [...] um articulista de tipo estritamente jornalístico, mas um escritor, seguro de si e da sua obra, que se servia das páginas de jornais e revistas para opinar, criticar, protestar e a par disso, freqüentemente, registrar as suas

⁷⁷ Sobre essa questão transcrevo as palavras de Alfredo Bosi: “Pois no romance de Lima Barreto há, sem dúvida, muito de crônica: ambientes, cenas quotidianas, tipos de café, de jornal, da vida burocrática, às vezes só mencionados ou mal esboçados, naquela linguagem fluente e desambiciosa que se sói atribuir ao gênero. O tributo que o romancista pagou ao jornalista (aliás, ao bom jornalista) foi considerável: mas a prosa de ficção em língua portuguesa, em maré de academicismo, só veio a lucrar com essa descida de tom, que permitiu à realidade entrar sem máscara no texto literário. BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3.ed São Paulo: Cultrix, 1972. p.360.

reminiscências, memórias e confissões pessoais. Sem ser um panfletário profissional, imprimia a muitos de seus artigos a feição de áspera crítica política e social, e fazia da sátira de costumes uma arma permanente de combate.

São as mesmas características que se encontram na sua obra de ficção e que nos seus artigos aparecem, naturalmente, de modo mais direto e desnudo. E eu acredito que não se pode aprofundar o conhecimento de sua obra de ficção sem se conhecer e compreender as reflexões e memórias que nos deixou sob a forma de artigos e crônicas de jornal.⁷⁸

Na justificativa que Lima Barreto fez para a publicação da coletânea de crônicas e artigos publicados na imprensa e por ele organizada, a qual denominou **Bagatelas**, alerta para o fato de que esses artigos e crônicas haviam “aparecido em revistas e jornais modestos” (BA, p. 37). Embora seja conhecida sua simpatia pela pequena imprensa e por aqueles que se lançavam na aventura de tornar públicas idéias e opiniões contrárias aos cânones estabelecidos “[...] Gosto dos jornais obscuros, dos jornais dos que iniciam. Gosto dos começos, da obscura luta entre a inteligência e a palavra, das singularidades, das extravagâncias, da livre ou buscada invenção dos principiantes.” (GS, p.87-88); e também a sua antipatia pela grande imprensa “- Um jornal, dos grandes, tu bem sabes o que é: uma empresa de gente poderosa, que se quer adulada e só tem certeza naquelas inteligências já firmadas, registradas, carimbadas, etc., etc.” (GS, p.89), a nota carrega uma certa dose de exagero, pois Lima Barreto escreveu para jornais e revistas que desfrutavam de notável importância política e literária na época.

Colaborou com a revista **Careta** durante vários anos como redator efetivo, recebendo salário. No **A.B.C.**, semanário político, dirigido por Paulo Hasslocher e Luís Morais, permaneceu de 1916 até a sua morte, com uma pequena interrupção em fevereiro de 1919⁷⁹,

⁷⁸ PEREIRA, Astrojildo. Prefácio. In: BARRETO, Lima. **Bagatelas**. São Paulo: Brasiliense, 1961, p.12-13.

⁷⁹ Lima Barreto em carta a Paulo Hasslocher explicou os motivos do afastamento “[...] A vista do teu artigo no **A.B.C.**,[...], venho dizer-te muito contrariado e sinceramente, que não continuo a colaborar no teu semanário. Não sou propriamente um jornalista; e, antes, tenho exprimido o meu pensamento, bem ou mal, em livros. Seria

causada pelo fato de o semanário ter publicado uma nota que Lima Barreto considerou ofensiva à raça negra; o **A.B.C.** acolheu e publicou o protesto do escritor pondo assim fim ao incidente. Esta colaboração, por ter um caráter menos profissional do que a da **Careta**, é mais interessante: “São artigos políticos e literários que constituem, na verdade, o que há de melhor no Lima Barreto polemista, a par dos que publicou em outros periódicos da época – ‘revistas e jornais modestos’, nos quais podia escrever com inteira liberdade sobre fatos, homens e coisas do tempo”.⁸⁰ Foi colaborador também, mesmo que de forma esporádica, em **O País**, no **Rio Jornal**, em **A Notícia**, na **Gazeta de Notícias**, no **Correio da Noite** e no semanário **Hoje**.

Grande parte dessa colaboração, no entanto, foi publicada na pequena imprensa, porque Lima Barreto considerava os grandes jornais “como órgãos de frações da burguesia rica, da indústria, do comércio, da política ou da administração” (BA, p. 159). Essa pequena imprensa - “alternativa” chamaríamos em dias atuais - era composta por revistas e jornais libertários ou ligados a associações de classe, como **A Voz do Trabalhador**, órgão oficial da Confederação Operária Brasileira. “Escrevia também nos jornais revolucionários do Rio, São Paulo e até mesmo Porto Alegre, como **Lanterna**, **O Cosmopolita**, **O Parafuso**, **A Patuléia** e **A Luta**, porém com menos assiduidade”.⁸¹ Em **O Debate**, dirigido por Astrojildo Pereira, publicou em 1917 a crônica *São Paulo e os estrangeiros* condenando a expulsão, determinada por Altino Arantes, governador do Estado de São Paulo, dos trabalhadores anarquistas que haviam liderado a greve geral na cidade de São Paulo; contribuía também com as revistas **Brás Cubas** e **Contemporânea** e foi através das páginas da última que disse:

A vida do homem e o progresso da humanidade pedem mais do que dinheiro,
caixas-fortes atestadas de moedas, casarões imbecis com lambrequins vulgares.

negá-los, eles que me têm tanto custado e tanto os amo, deixar passar em silêncio as tuas afirmações.” Cf. BARRETO, Lima. **Correspondência**, V.2. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1961. p.143-144.

⁸⁰ BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988, p. 226.

⁸¹ *Ibid.*, p. 212

Pedem sonho, pedem arte, pedem cultura, pedem caridade, piedade, pedem amor, pedem felicidade; e esta, a não ser que se seja um burguês burro intoxicado de ganância, ninguém pode ter, quando se vê cercado da fome, da dor, da moléstia, da miséria de quase toda uma grande população.⁸²

Defensor intransigente da liberdade de expressão, particularmente da pequena imprensa, através da crônica *O Caso da A Folha*, de 14/02/1920, publicada em **A Patuléia**, publicação anarquista paulista, protestou contra a apreensão pela polícia do jornal **A Folha**, fundado e dirigido pelo escritor Medeiros e Albuquerque, pelo fato de o periódico, desde sua fundação, vir fazendo campanha contrária à venda, aos Estados Unidos, dos navios que o Brasil havia tomado da Alemanha quando declarou guerra a esta. Porém, cobra, e de maneira incisiva, a solidariedade que deveria existir entre todos órgãos de informação com vistas a assegurar a liberdade de imprensa, independentemente da orientação editorial que os jornais e revistas tivessem. Aponta que no caso de **A Folha**, embora tardia, a solidariedade veio, e questiona por que os jornais anarquistas **Spartacus e a Plebe**, também apreendidos, não tinham recebido o mesmo tratamento: “[...], os grandes jornais de todo o país, não protestaram, ao que parece, porque se tratava de jornais de operários e apontados como anarquistas. Curioso motivo. Então só os doutores ou quase doutores, ou naturalizados doutores têm pensamento e podem exprimi-lo nos jornais? Então só os jornais de grande tiragem são imprensa?” (FM, p.253-254).

Para finalizar essas considerações acerca da participação de Lima Barreto na imprensa de sua época não poderia deixar de registrar que é a ele que “o movimento anarquista deve grande parte de sua crônica histórica”, pois, como assinalou o crítico Antonio Arnoni Prado no ensaio *Os marginais dos anos 20*,

⁸² Fragmento da crônica *Sobre o Maximalismo*. In: **Bagatelas**, op.cit., p.164.

Foi Lima Barreto quem acompanhou primeiro a trajetória revolucionária dos escritores libertários, abrindo espaços na crítica literária, na correspondência e na crônica do dia-a-dia. Devemos a ele a valorização do escritor anônimo, dos grandes grupos mambembes que percorriam os subúrbios, dos poetas que falavam nas ruas. È Lima Barreto que dá notoriedade às pequenas revistas anarquistas, tratando-as com a mesma importância dos grandes semanários e jornais da época. E principalmente é ele quem levantou o conflito do escritor anarquista com o decadentismo marginal de um Théo Filho, de um João do Rio, de um Gastão Cruis, de um Veiga Miranda, de um Hilário Tácito.⁸³

2.1 A História de um jornal “abusado”

Dando continuidade aos propósitos deste capítulo, passo a contar a História do diário matutino carioca **Correio da Manhã**, que, como já foi dito aqui, está representado literariamente por Lima Barreto no romance **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. No dia 15 de junho de 1901 os pequenos jornaleiros apregoavam pelas ruas centrais do Rio de Janeiro o nascimento do um novo jornal cujo artigo de apresentação assim rezava:

A praxe de quantos até hoje têm proposto pleitear no jornalismo nosso a causa do direito e das liberdades populares, tem sido sempre a firmação antecipada, ao público, da mais completa neutralidade. Em bom senso sabe o povo que essa norma de neutralidade com que certa imprensa tem por costume carimbar-se é puro estratagem para, mais a gosto e a jeito, poder ser parcial e mercenária. Jornal que se propõe a defender a causa do povo não pode ser, de forma alguma, jornal neutro. Há de ser forçosamente, jornal de opinião.⁸⁴

O editorial trazia impressa a marca de seu fundador, Edmundo Bittencourt, gaúcho de Santa Maria, que iniciou a sua vida jornalística em Porto Alegre no jornal **A Reforma** pertencente ao conselheiro Gaspar Silveira Martins e talvez essa formação gasparista e

⁸³ PRADO, Antonio A. Os marginais dos anos 20. **Suplemento Literário**, Belo Horizonte, nº 18, p.7, 25 de jun. de 1983.

⁸⁴ SODRÉ, op.cit., p. 328.

portanto opositor possa ser a explicação para a linha ‘participante e combativa’ que ele imprimiria ao próprio jornal.⁸⁵

Declarando-se livre de compromissos partidários, o jornal “apresentou-se como o defensor ‘da causa da justiça, da lavoura e do comércio, isto é, do direito do povo, de seu bem-estar e de suas liberdades’. Em outro nível, o jornal causou grande impacto por sua independência da situação, vindo ‘romper com os louvores a Campos Sales’, então presidente da República.”⁸⁶ Uma outra característica do recém-fundado jornal foi sua aproximação com os setores mais pobres e menos favorecidos da sociedade.

O jornal, no início, se notabilizou por fazer campanhas de interesse popular, tais como, contra o aumento das passagens dos bondes, contra os jogos de azar e funcionários públicos que extorquiam dinheiro dos comerciantes. Seus colaboradores compunham uma plêiade de diversas tendências, desde o Conde Afonso Celso, monarquista e padrinho de Lima Barreto, passando pelo crítico Medeiros e Albuquerque, simpatizante do florianismo e de Antônio Evaristo de Moraes que escrevia sobre o movimento operário mundial e também sobre o quanto as leis brasileiras eram coercitivas no tocante às reivindicações vindas das camadas populares. Dessa forma “ o jornal era uma espécie de frente organizada para opor-se à situação. [...] Edmundo Bittencourt empenhava-se [...] em recusar caráter neutro a seu jornal. Sua personalidade funcionava como uma espécie de denominador comum entre as diferentes opções políticas de seus colaboradores, constituindo a verdadeira força motriz que impulsionava o **Correio da Manhã** nessa primeira fase.”⁸⁷

Na postura de não neutralidade e ao mesmo tempo de não se ligar partidariamente o **Correio da Manhã** apoiou a nomeação de Pereira Passos para a prefeitura do Rio de Janeiro,

⁸⁵A construção do texto será baseada no verbete **Correio da Manhã** escrito por Carlos Eduardo Leal para o **Dicionário Histórico- Biográfico Brasileiro- pós 1930** (DHBB), editado pelo CPDOC/FGV-RJ. 1 CD-ROM.

⁸⁶ DHBB, p.1.

⁸⁷ Ibid., p.1

por considerá-lo “homem sem ligações partidárias e que tem se distinguido principalmente como administrador” Porém, por ocasião da eclosão da Revolta da Vacina em novembro de 1904, o jornal respaldou o movimento “assumindo o papel de aglutinador da frente formada contra a vacinação obrigatória sob a liderança de Mauro Sodré, Alexandre Barbosa Lima e Barata Ribeiro, e, de outro, contestando a própria validade científica da vacina.”⁸⁸

Em verdade a posição do jornal frente à vacinação obrigatória era nada mais que o reflexo de uma questão de maior espectro, ou seja, o processo de reurbanização e modernização do Rio de Janeiro, levado a cabo pelo governo de Rodrigues Alves, pois, como já é fato histórico largamente conhecido, as novas medidas atingiram sobretudo a população pobre que vivia em cortiços e afins na região central da cidade. No entanto, o jornal, ao apoiar “os setores menos favorecidos, não fazia mais que arregimentar elementos para constituir aquilo que se poderia denominar uma clientela urbana”⁸⁹ e que iria dar suporte para que ele se firmasse como órgão oposicionista, pautado no respeito incondicional à letra da lei, defensor dos princípios liberais e contrário a qualquer tipo de intervencionismo do Estado. Em seguida à revolta, comemorou-se os 15 anos de proclamação da República e o jornal lamentou que no Brasil essa forma de governo não tinha o conteúdo liberal que dela se esperava e que entre nós “se havia convertido em ‘regime de insuportável opressão e tirania’”.⁹⁰

No ano de 1906, o senador gaúcho Pinheiro Machado desafiou Edmundo Bittencourt para um duelo, pois se sentira ofendido em matéria que fora publicada no jornal e por este assinada, o proprietário do **Correio** saiu ferido do embate; o fato, embora pitoresco, “foi significativo, na medida em que definiu com rigor a linha política oposicionista do jornal, sobretudo se se levar em consideração a posição governista do senador durante a Revolução

⁸⁸ Ibid., p.1

⁸⁹ Ibid., p.2

⁹⁰ Ibid., p.2

Federalista.”⁹¹ Foi nesse período também que o ministro da Guerra marechal Hermes da Fonseca instituiu o serviço militar obrigatório; o **Correio** posicionou-se contra, porém foi durante a sucessão do governo Afonso Pena que a atuação política do **Correio da Manhã**, durante a República Velha se definiu claramente. Por manobra do grupo de Pinheiro Machado, foi desarticulada a candidatura do mineiro e Ministro da Fazenda Davi Campista e apresentada a candidatura de Hermes da Fonseca, que rompeu com o presidente da República e saiu do ministério. O **Correio da Manhã** passou a apoiar a sua candidatura, refletindo a aproximação de determinados setores civis com o exército e além disso, segundo o jornal, a candidatura do marechal era também defendida “ por cidadãos fora dos círculos partidários” o que lhe conferia independência em relação às oligarquias. Aqui vale transcrever trechos da carta (18/05/1909) enviada por Lima Barreto ao amigo Antonio Noronha dos Santos que se encontrava na Europa na qual faz um relato da situação política do país:

[...] é bom que eu te fale dos acontecimentos políticos dos últimos dias aqui. Sabias que o Campista era o candidato à presidência do Pena. Bem. A estupidez nacional e a cavação também começaram a agitar o nome do Hermes. Ele tomou a sério. O Laje e o Alcindo levantaram a candidatura dele no *Pais* e na *Imprensa* . A rã começou a encher-se. Há dias fizeram uma ovação ao Rio Branco e logo os “alferes” lembraram-se de fazer uma a esse tolo, no dia do seu aniversário, como se os dois, Rio B. e H. fossem homens do mesmo quilate. O Pena pediu então à gralha que declarasse se era ou não candidato. Ele prometeu, mas não fez. Isto foi a 12 e a 14, o Pena, à vista da evasiva de 12, pediu-lhe que fizesse por escrito a declaração. Ele a fez, pedindo demissão e atacando a candidatura Campista. Sabes o que o Pena fez? Mandou chamá-lo, pediu-lhe desculpas, abandonou o Campista e a gralha ficou na pasta. Está aí a que está reduzido o Brasil! (C1, p.76)

Porém, a morte repentina de Afonso Pena produziu uma reviravolta no quadro político, o vice-presidente Nilo Peçanha assumiu o governo e passou a prestigiar abertamente a política de Pinheiro Machado e conseqüentemente a candidatura hermista. Rui Barbosa que

⁹¹ Ibid., p.2

vivia o auge do seu prestígio intelectual e político foi indicado candidato da oposição à sucessão presidencial, aliás, essa será a primeira disputa eleitoral efetiva da vida republicana. A disputa eleitoral entre um intelectual e jurista respeitado e um marechal do Exército deu origem à Campanha Civilista, cujas propostas de reformas e modernização do país encontraram eco, sobretudo, no eleitorado dos centros urbanos. Diante dessa conjuntura, a posição do **Correio da Manhã** sofre uma mudança radical. Em um artigo publicado em julho de 1909 e assinado por Gil Vidal, o jornal afirmava que a candidatura de Hermes em sua primeira fase não fora totalmente do agrado dos chefes políticos, dessa maneira Hermes já não poderia mais ser “‘um grande remédio aos grandes males’, ou seja, não apareceria mais como elemento de contrapeso à existência das oligarquias. Uma vez que o marechal perdera o ‘apoio popular’, não mais se justificava apoiar ativamente a sua candidatura.”⁹² Em agosto de 1909, quando Rui Barbosa confirmou a sua candidatura, o jornal entrou na Campanha Civilista. Faço um breve interregno, porém que se justifica. Durante a campanha eleitoral o Rio de Janeiro foi palco de uma série de distúrbios populares e entre eles há um episódio que passou para a nossa crônica política como a “Primavera de Sangue” e que remete diretamente a Lima Barreto; em princípio não existe uma relação entre o acontecido e a “campanha de Rui Barbosa, mas não há a menor dúvida que foi o choque do chamado espírito civil com o militarismo hermista a causa principal do motim, no qual dois estudantes perderam a vida.”⁹³ O incidente se deu a 22 de setembro, os estudantes haviam feito uma passeata comemorativa pelo início da primavera e foram reclamar ao comandante da Brigada Policial, o General Souza Aguiar, de que tinham sido agredidos gratuitamente por soldados e este lhes respondera que o ocorrido era coisa sem importância. Os estudantes resolveram então fazer um enterro simbólico do General comandante da Brigada Policial:

⁹² Ibid., p.2

⁹³ BARBOSA, op.cit., p.162.

Partiu o préstito da velha Escola de Medicina, na Rua de Santa Luzia, entrou por Misericórdia e Primeiro de Março, atingindo depois a Rua do Ouvidor e o Largo de São Francisco de Paula, ponto terminal da manifestação burlesca. À frente, ia um estudante “vestido de padre”, [...], seguido por um sacristão. Atrás vinha o caixão—um reles caixão de madeira, forrado de cetim negro-, [...]. Sobre o caixão, uma coroa de palha com os dizeres: “Ao General Souza Aguiar, os estudantes”. Nas partes laterais, em letras garrafais escritas a giz, anunciava-se: “Morreu o General Souza Aguiar. Orai por ele”.

Como se vê, tudo não passava de uma patuscada. [...]. Mas o “enterro” acabou mal. Soldados à paisana, manejando cacetes e punhais investiram contra os estudantes indefesos. A Brigada Policial veio em seguida, espaldeirando o povo, num assomo de selvageria. Tudo fora previamente combinado. Havia entre os policiais desordeiros conhecidos nas rodas da malandragem. [...]. Resultado de tudo isso: dos estudantes mortos e numerosos feridos. José de Araújo Guimarães, acadêmico de medicina e que fazia as vezes de sacristão, tombou ali mesmo, com uma facada no ventre, nas escadarias da Escola Politécnica. Francisco Pedro Ribeiro Junqueira, chamava-se o segundo estudante morto na chacina.⁹⁴

O acontecido causou grande comoção, Rui Barbosa, da tribuna do senado, fez discursos inflamados, lembrando um tempo onde autoridades do Governo participavam das brincadeiras carnavalescas que o criticavam. Foi justamente no final de 1909, em plena Campanha Civilista, que Lima Barreto lançou as **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**, ele também cerrou fileira juntou aos apoiadores de Rui Barbosa e junto com Antonio Noronha dos Santos editou um jornalzinho anti-hermista, **O Papão**, do qual, infelizmente, não existe nenhum número. As eleições, porém, deram a vitória a Hermes da Fonseca e antes de sua posse, em setembro de 1910, reuniu-se o Tribunal do Júri para condenar ou não os responsáveis pela morte dos dois estudantes:

O principal acusado é um oficial do Exército, Tenente João Aurélio Lins Wanderley, um moço de 35 anos, casado com uma sobrinha do General Souza

⁹⁴ **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, números que abrangem o período de 22 a 30 de setembro de 1909. Cf. BARBOSA, op. cit., p. 163.

Aguiar.[...]. Era presidente do Tribunal o juiz Francisco Cesário Alvim.[...]. Para julgar o Tenente Wanderley e seus companheiros (ironia do destino!!), figurava entre os jurados, o terceiro escrivão da Secretaria da Guerra, Afonso Henriques de Lima Barreto.⁹⁵

O júri transcorreu durante quatro dias e três noites sob enorme tensão popular, os jornais da época registraram o comportamento dos jurados, conforme a **Folha do Dia**, eles muito cansados

“apertavam os olhos com os dedos e os arregalavam em seguida. Deste, mostravam-se muito atentos os Srs. Lima Barreto e Bruno Lobo.” A observação coincide com a de outro repórter, o **d’ A Notícia**: “muita gente dormia – diz ele -, muita gente estava acordada, no entretanto, dois jurados se sobressaíam. Um era o poeta [sic] Lima Barreto e o outro o professor Bruno Lobo. Aquele como os olhos muito arregalados, muito inteligentes, como que procurando ver tudo, até a verdade...”⁹⁶

Os militares se mobilizaram em prol de seu companheiro de armas, o Clube Militar, na pessoa de seu presidente se encarregou da defesa e da coleta de recursos financeiros, e também se empenharam em corromper pessoas do júri “Lima Barreto fora cabalado, mas os rogos e as solicitações de nada valeram”.⁹⁷ Anos depois, em crônica de 1919, Lima Barreto escreveria: “o júri, porém, não é negócio de inteligência. O que exige de inteligência é muito pouco, está ao alcance de qualquer. O que se exige lá é independência, coragem moral, força de sentimento da vida e firmeza de caráter; e tudo isto não há ‘lata doutoral’ que dê.” (BA, p.170).

Não há indícios, a não ser pela própria avaliação do escritor, de até que ponto sua atitude de independência no julgamento tenha prejudicado sua ascensão na carreira de funcionário do Ministério da Guerra, mas o fato é que ele assim o compreendia: “Eu fiz parte do júri de um Wanderley, alferes, e condenei-o. Fui posto no index”.(DI, p.172). Lima

⁹⁵ Ibid., p.165

⁹⁶ Ibid., p.165

⁹⁷ Conforme depoimentos de Antonio Noronha dos Santos e Mario Galvão. In: BARBOSA, op.cit., p. 166.

Barreto não seria incluído entre os jurados do segundo julgamento do Tenente Wanderley e este foi absolvido de qualquer culpa no tocante ao episódio de a “Primavera de Sangue”.

Retomo a História do Jornal **Correio da Manhã** não sem deixar de mencionar que, por ocasião da participação de Lima Barreto no julgamento do Tenente Wanderley, foi a única vez, após a publicação de as **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**, que o referido jornal publicou o seu nome, haja vista ter sido proscrito por ordens de Edmundo Bittencourt. Na época a Revista **Careta** publicou um comentário um tanto jocoso:

Em setembro relatando os trabalhos do Tribunal do Júri, o *Correio da Manhã* escreveu com o maior respeito o nome de Lima Barreto em um artigo de fundo, referindo-se à condenação do Tenente Wanderley, declarou que ela havia sido lavrada por doze homens que o Correio da Manhã considerou honrados, um deles o autor do *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. O Sr. Leão Veloso, o Aires da Silva do *Recordações*, é o atual diretor do Correio. Heitor Melo, parente protegido do Sr, Edmundo [Bittencourt], é o secretário da folha e nessa qualidade devia ter visado o artigo a que aludimos. Reponda-nos, pois, Heitor Melo: Se as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* são obra de um homem honrado, e por consequência obra honesta, que juízo devemos fazer das personagens que figuram nelas?⁹⁸

Dando prosseguimento à narrativa, após a posse de Hermes da Fonseca, o **Correio da Manhã** passou imediatamente a chefiar a oposição ao seu governo, criticou-o duramente por este não ter cumprido a promessa de anistiar os marinheiros liderados por João Cândido que participaram da Revolta da Chibata e a sua incapacidade de fazer frente à hegemonia de Pinheiro Machado no senado. Em seguida, nas eleições para o governo do estado do Rio de Janeiro, o jornal apoiou Nilo Peçanha contra o senador. No entanto, vale lembrar que quando ele assumiu a presidência da República, o mesmo **Correio**, ao deixar de apoiar a candidatura de Hermes da Fonseca, passou a atacá-lo violentamente por suas posições pró-hermista. Por ocasião da Primeira Guerra Mundial, Edmundo Bittencourt dirigiu o jornal para uma posição

⁹⁸ **Revista Careta**, Rio de Janeiro, 8 out. 1910. Cf. BARBOSA, op. cit., p. 167.

simpática à Alemanha, enquanto que outros jornais como o **Correio da Noite** publicavam artigos contundentes contra o espírito belicista alemão, como os de Lima Barreto. Em *Sobre a Guerra* datado de 19/12/1914, disse o escritor: “A orgia militar, a que a Alemanha desde muito se vinha entregando, tirava o sono ao mundo, era o seu constante pesadelo. Obrigou todos os países a estabelecerem esse crime contra a liberdade, contra a independência, essa violência aos temperamentos individuais que é o serviço militar obrigatório.” (MA, p. 46).

Na sucessão presidencial de 1919, o **Correio** mais uma vez deu apoio à candidatura de Rui Barbosa e, diante da vitória de Epitácio Pessoa, capitaneou a oposição a ele. Em 1921, o jornal apoiou a *Reação Republicana*, nome pela qual ficou conhecida a chapa de oposição apresentada por alguns estados - Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul - contra o candidato à presidência da República, Arthur Bernardes apoiado por Minas Gerais e São Paulo, seguindo a tradição da política do *café-com-leite*. Estes estados insatisfeitos com a posição secundária no cenário político-econômico da época indicaram o senador fluminense Nilo Peçanha para a disputa contra a chapa situacionista. Em outubro de 1921, o **Correio** publicou a famosa série de *cartas falsas* teoricamente enviadas por Arthur Bernardes ao articulador de sua candidatura, senador Raul Soares, nas quais questionava a integridade moral das forças armadas. Na primeira delas Hermes da Fonseca era chamado de “sargento sem compostura” e continuava

conclamando Raul Soares a subornar os militares para conseguir adesões: ‘A situação não admite contemporizações. Os que foram venais, que é quase a totalidade, compre-os com todos os seus bordados e galões’. As cartas chegaram ao Correio da Manhã através do senador antibernardista Irineu Machado, que pôs o redator político Mário Rodrigues em contato com o detentor dos documentos Oldemar Lacerda. Ao longo das diligências que se estabeleceram no sentido de comprovar ou refutar a autenticidade das cartas, o Correio da Manhã insistiu com

veemência em sua veracidade. Por fim, Oldemar Lacerda confessou tê-las falsificado.⁹⁹

Na crônica *Palavras dum simples*, publicada no semanário **Hoje** em 22/07/1922, Lima Barreto comenta ironicamente o episódio e explica o porquê da posição tomada naquelas eleições:

Ultimamente, entre nós houve uma barulheira política que quase sacudiu o país. Pus-me de parte e tive razão. Não havia nessa agitação nada de superior. Só admito que se morra em matéria de política quando se o faça por uma idéia que interesse um grande grupo humano. No caso não havia isto e eu, aqui e ali, levei-o de troça. E outra atitude ele não merecia. Não sei os pródromos de semelhantes barulheira, mas eles devem ser muito baixos e vagabundos.

A verdade, porém, é que o observador imparcial logo concluiu que nenhum dos grupos que se digladiavam falava a verdade.

A questão versava sobre uma falsificação de cartas, atribuídas ao senhor Arthur Bernardes, atualmente eleito presidente da República. Tais cartas continham insultos ao Exército e aos adversários do Senhor Bernardes excitaram os brios da força armada contra ele, baseados nas referidas missivas.

O intuito dos opositores à candidatura do Senhor Bernardes era mover o Exército contra esta, vetá-la e, caso fosse possível, impedir a posse do mesmo senhor pela força.

Havia nisto um apelo descarado ao que se chama nas repúblicas espanholas “o pronunciamento”. Toda a gente sabe que isso tem sido um flagelo, tanto para elas como para nós. O nosso dever é evitá-lo de qualquer forma. Qualquer modalidade de hipocrisia política, de que se revista o provimento deste ou daquele cargo de eleição, é melhor do que o assassinato e a violência.

Penso assim porque estou convencido de que seja Paulo, Sancho ou Martinho que governe, esta vida será sempre uma miséria.

Seria capaz de deixar-me matar, para implantar aqui o regímen maximalista; mas a favor de Fagundes ou de Brederodes não dou um pingão do meu sangue. (MA, p.58-59)

⁹⁹ DHBB, p. 2

Até aqui se justificou, no meu entendimento, um relato mais detalhado da História do jornal **Correio da Manhã** por ela coincidir com o período de produção da obra de Lima Barreto e de sua presença na imprensa da época. A partir de sua morte em novembro de 1922, passo a fazer uma síntese dos episódios mais significativos da vida do jornal até o seu fechamento em julho de 1974.

O **Correio** foi praticamente um dos únicos órgãos de imprensa simpático ao *Movimento Tenentista*, que se desenvolveu entre os 1920 a 1935 e que foi peça importante no processo de derrocada da República Velha: “ em agosto de 1924, o jornal teve sua circulação suspensa a pretexto de estar imprimindo em suas oficinas o folheto clandestino denominado Cinco de Julho, que supostamente divulgaria as propostas tenentistas. O Correio da Manhã só voltou a circular em maio de 1925”.¹⁰⁰

No governo Washington Luís, o jornal que ainda era considerado o grande órgão da oposição (sic), em 1927 por ocasião da aprovação da Lei de Imprensa pelo senado publicou com destaque o artigo “Lei infame, lei celerada”. No momento em que começava a campanha de sucessão de Washington Luís, mais precisamente em março de 1929, Edmundo Bittencourt transmitiu a direção do **Correio da Manhã** a seu filho, Paulo Bittencourt. O jornal apoiou a formação da *Aliança Liberal* e defendeu o seu candidato Getúlio Vargas. Ao estourar a Revolução de 1930, o **Correio** “defendia basicamente a realização de eleições sem pressões aparentes dos governos, o reconhecimento dos deputados e senadores sem interferência do presidente da República, o respeito à autonomia dos estados e, sobretudo, a escolha do chefe do Executivo sem imposição do presidente em exercício”.¹⁰¹

O Jornal comportou-se de forma ambígua durante o Governo Provisório e deu apoio parcial a Getúlio Vargas. Em janeiro de 1932, numa série de editoriais, se colocou ao lado do

¹⁰⁰ DHBB, p. 3.

¹⁰¹ Ibid.,p.3

Movimento Constitucionalista, porém quatro dias após a eclosão do “movimento revolucionário em São Paulo, o jornal ressaltava não ter ligação com qualquer partido político, vinculando-se o tempo todo às propostas defendidas no momento de sua fundação”.

¹⁰² Os trabalhos da Assembléia Constituinte de 1934 foram minuciosamente acompanhados pela equipe do **Correio da Manhã**, inclusive com uma coluna intitulada “O que houve ontem na Assembléia Constituinte”.

Um momento de ápice das campanhas desenvolvidas pelo jornal foi o lançamento da candidatura do escritor e ministro José Américo de Almeida à presidência da República “através de um editorial censurado num dia e liberado no dia seguinte. A partir daí, o **Correio da Manhã** sustentou a campanha, elogiando e destacando a figura de José Américo e publicando quase que diariamente cartas recebidas em apoio ao candidato”. ¹⁰³ O **Correio** se antecipou na denúncia do golpe que resultaria na implantação da ditadura do Estado Novo; em 5 de novembro de 1937 publicou matérias afirmando que o golpe ocorreria, e que de fato aconteceu no dia 10.

No contexto da Segunda Guerra Mundial, a posição do jornal oscilou de um extremo a outro, num primeiro momento declarou que “o primeiro dever de uma nação distante é a neutralidade”, mas a partir de 1940 mudou de posição alegando que o país não podia ficar alijado dos anseios democráticos da época. Nas eleições de 1945, o **Correio** apoiou a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes lançada pela UDN (União Democrática Nacional). Com a Vitória do General Eurico Gaspar Dutra, o jornal colocou-se numa atitude de expectativa, Carlos Lacerda “escrevia artigos em forma epistolar, que terminavam geralmente com uma chamada ao ‘generalzinho medíocre’”. ¹⁰⁴ Enquanto o PCB (Partido Comunista do Brasil) esteve na legalidade o jornal cobrou de Dutra o combate à epidemia comunista. Ao

¹⁰² Ibid, p.3

¹⁰³ Ibid.,p.4

¹⁰⁴ Ibid., p.5

final do governo Dutra, encampou novamente candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à presidência, apontando a sua eleição como a solução para todos os problemas do Brasil. Diante da Vitória de Getúlio Vargas em 3 de outubro de 1950, num primeiro momento, somou forças à tese udenista da maioria absoluta para tentar invalidar a eleição, mas depois voltou-se às suas tradições liberais e passou a defender a posse de Getúlio, sem deixar de ressaltar que fazia oposição ao seu “ trabalhismo falsificado” . No que pese a oposição a Getúlio, o jornal teve grande influência em seu segundo governo, chegando a ter influência em decisões políticas. Como já era característico ao longo de sua existência, no início da campanha “O petróleo é nosso”, o jornal se posicionou inteiramente contra o monopólio estatal do petróleo, chegando a publicar uma entrevista com o presidente da Standard Oil

em que chegava a defender, com base em seus pressupostos liberais, um princípio de reciprocidade no que se referia à exploração do petróleo: os norte-americanos deveriam ter liberdade para explorar petróleo no Brasil, da mesma forma que os brasileiros o poderiam fazer nos Estados Unidos. No entanto, uma vez criada a Petrobrás, o jornal passaria a defender-lhe o imenso patrimônio, propriedade do povo brasileiro, contra a exploração política.¹⁰⁵

O ano de 1954 começou agitado, logo em fevereiro o **Correio** apoiou o Manifesto dos Coronéis e, em 1º de maio quando do reajuste de 100% do salário mínimo, desfechou críticas virulentas contra Getúlio: “Para o sr. Getúlio Vargas, que ia caindo em irremediável decadência política, o pior será melhor. Se a estrutura econômica e social do país entrar a desmoronar, abalada por agitações e indicações perturbadoras, ele tentará aparecer como seu salvador, com um novo regime. Se falhar, que importa? Depois dele, o dilúvio”.¹⁰⁶

Durante os meses seguintes, o jornal continuou chamando a atenção para os pontos nevrálgicos do governo Vargas; em agosto, como não poderia deixar de ser, apoiou o inquérito policial-militar instaurado pela Aeronáutica para apurar o atentado da rua Toneleros.

¹⁰⁵ Ibid., p.5

¹⁰⁶ Ibid., p.6

O resultado das investigações trouxe a público “o mar de lama”, no qual, segundo a oposição, se havia convertido o governo; e diante do suicídio de Getúlio fez um editorial no qual ressaltou o lado trágico do acontecimento.

Em seguida à posse de Café Filho na presidência Paulo Bittencourt indicou o nome de Eugênio Gudin para o Ministério da Fazenda, e foi atendido, o que demonstrou a influência política do **Correio**, porém, mais tarde, o mesmo Gudin negou empréstimo através do Banco do Brasil para que o jornal adquirisse novas máquinas. O paradoxal, no meu entendimento, é que ainda assim o jornal insistia em reafirmar “sua linha política sem compromissos com quaisquer partidos e orientada por uma nítida inspiração liberal”.¹⁰⁷ E talvez tenha sido essa a causa do rompimento de Paulo Bittencourt com o Brigadeiro Eduardo Gomes, que, devido ao apoio recebido nas eleições de 1945 e 1950, passara a considerar o jornal um porta-voz da UDN, e queria que este apoiasse a candidatura de Juarez Távora nas eleições de 1955. Sem se definir por nenhum dos candidatos (Ademar de Barros, Juscelino Kubitschek, Juarez Távora e Plínio Salgado), “o legalismo característico do Correio da Manhã fez com que Paulo Bittencourt defendesse acima de tudo a necessidade do sufrágio: ‘A soma total dos votos, reiterando a expressão da inflexível vontade de legalidade e democracia pode ser- quem sabe? – a salvação do Brasil’”.¹⁰⁸ Segundo o jornalista Luís Alberto Bahia,

a posição do Correio da Manhã diante das eleições de 1955 deve ser explicada pela fase de transição que a própria estrutura do jornal estaria atravessando naquele momento, passando de uma empresa artesanal de propriedade familiar a uma grande empresa moderna. Assim, verificava-se um conflito entre os pressupostos liberais da primeira fase, em que o jornal defendia a tese da democracia do mercado, e os novos princípios que acabavam de aparecer no cenário econômico brasileiro, como, por exemplo, o combate ao ingresso do capital estrangeiro¹⁰⁹.

¹⁰⁷ Ibid., p.6

¹⁰⁸ Ibid., p.6

¹⁰⁹ Ibid., p.6

Com a tentativa de impedimento da posse de Juscelino Kubitschek em novembro de 1955, o **Correio** valeu-se da sua sempre incondicional defesa dos princípios da legalidade para combater a idéia de golpe e passou a apoiar o presidente eleito. Porém, posicionou-se contrariamente à construção de Brasília; a transferência da capital não era interessante para o jornal, pois o Rio de Janeiro deixaria de ser o centro político do país e ele também perderia poder. Foi através de uma série de reportagens feitas por Antonio Callado em fins de 1959, que as *Ligas Camponesas* passaram a chamar atenção e embora o **Correio da Manhã** fosse visceralmente contrário à reforma agrária, permitiu a publicação das reportagens ancorado na velha cantilena de que era um órgão de imprensa liberal.

Na campanha eleitoral de 1960, manteve-se numa posição de independência, ficando distante de Jânio Quadros e qualificando o Marechal Lott como um homem “burro, mas sério”. Ao completar 60 anos de existência em 1961, em editorial, o **Correio** lamentou o crescimento do poder do Estado em todo o mundo durante o século XX, o jornal considerava o liberalismo individual que sempre havia defendido “como uma posição ‘a favor do povo’”.¹¹⁰ O jornal colocou-se contrário à condecoração de Ernesto Che Guevara por Jânio Quadros, e, diante da renúncia deste em 25/08/1961, em editorial, condenou sua atitude dizendo que os motivos dela não estavam suficientemente claros e que sua despedida à nação “era uma ‘despedida demagógica, destinada a convulsionar o país, pois só há vagas alusões a forças reacionárias que teriam imposto a renúncia’”.¹¹¹ Embora não apoiasse o vice de Jânio, João Goulart, por ser ele o herdeiro político de Vargas, o **Correio**, fiel à sua tradição legalista, bateu-se por sua posse e por isso teve uma edição apreendida por ordem do governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, ex-jornalista do próprio jornal.

¹¹⁰ Ibid., p.7

¹¹¹ Ibid., p.7

Com a morte de Paulo Bittencourt, em 1963, o **Correio** passou para as mãos de sua segunda mulher Niomar Muniz Sodré Bittencourt. Nesse momento tão efervescente da História Nacional, o jornal se opunha tanto ao governo de João Goulart quanto ao de Carlos Lacerda no estado da Guanabara. Em editorial de janeiro de 1964, com o título “Terra de ninguém”, “ oscilou entre ataques ao governo da União e ao governo do estado”.¹¹² De acordo com o jornalista Edmundo Muniz, a linha do jornal nesse momento pode ser classificada como liberal-conservadora. Ele afirma também que o jornal não estava a par das conspirações que levaram ao golpe militar de 1964. Em março daquele ano , o jornal voltou a atacar violentamente o governo Goulart taxando de demagógicas duas medidas anunciadas no grande comício realizado na Central do Brasil no dia 13 daquele mês, eram elas: a desapropriação das terras situadas às margens das rodovias federais e dos açudes para dividi-las entre os lavradores e encampação pelo Estado das refinarias de petróleo particulares. Em verdade, a oposição a João Goulart de parte do **Correio da Manhã** era uma reação ao avanço do ideário de esquerda no Brasil, o que colocava em xeque os seus pressupostos liberais. Com o argumento de que desejava a resolução imediata da crise política reinante no país, o **Correio** deu seu apoio à derrubada de Goulart; em dois editoriais “Basta”, de 31/3, e “ Fora”, de 1/4/1964, justificou a sua posição.

Após a deposição de João Goulart, o jornal, segundo palavras do escritor e jornalista Antonio Callado, manteve “uma brevíssima lua-de-mel com a situação”. Com a edição do Ato Institucional nº 1, o **Correio da Manhã** deu-se conta de que o país caminhava para a instalação de uma ditadura militar e “passou [...] a denunciar torturas e arbitrariedades, publicando o editorial “Terrorismo, não”. A mudança de posição trouxe dificuldades financeiras ao **Correio**, agências estrangeiras começaram a cortar publicidade no jornal e

¹¹² Ibid., p.7

“como tentativa de solução, o Correio foi compelido a aceitar um interventor dessas agências”.¹¹³ A partir disso foi iniciado um processo de mudanças no quadro de redatores:

O cronista Carlos Heitor Cony foi dispensado após publicar um artigo onde dizia o Brasil ter passado de Estados Unidos do Brasil a Brasil dos Estados Unidos. Em seguida Otto Maria Carpeaux, além de ter sua seção suprimida, ficou impedido de assinar qualquer matéria. Apesar de todas as agruras que acarretou, essa mudança de posição do Correio da Manhã definiu-se como um marco na história do jornal¹¹⁴.

O jornal sofreu também perseguições do governador Carlos Lacerda, entre elas um ameaça de intervenção que provocou indignação na Câmara dos Deputados, na Assembléia Legislativa Fluminense e também em entidades e parlamentares como os 60 deputados estaduais de São Paulo que enviaram a Niomar Bittencourt uma mensagem de solidariedade. Na edição comemorativa dos seus 64 anos de existência (15/06/1965), o **Correio** reafirmou sua posição de combate ao governo militar, e em janeiro de 1966 denunciou “a infiltração de grupos estrangeiros na imprensa e criticou o sigilo em que trabalhava a comissão criada por portaria ministerial com o objetivo de investigar as denúncias, porque ‘a comissão existe justamente para quebrar sigilo’”¹¹⁵. O clima político do país sob o governo do General Artur da Costa e Silva apontava para um recrudescimento do regime; no dia 7 de dezembro, a sede do **Correio da Manhã** foi atingida por uma bomba, no dia 13 era decretado o AI-5, e em janeiro de 1969 Niomar Bittencourt foi presa juntamente com dois membros da direção do jornal, o prédio foi cercado por agentes do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) e o **Correio** foi submetido à censura prévia. Todos esses episódios levaram o **Correio** a uma grande crise financeira ocasionada pela queda de publicidade e diminuição de leitores, era o caminho, sem volta, para o fim. No final de 1969, o **Correio da Manhã** foi arrendado à

¹¹³ Ibid., p.8

¹¹⁴ Ibid., p.8

¹¹⁵ Ibid., p.8

Companhia Metropolitana, uma das maiores empreiteiras de obras país, cujo cabeça era Maurício Nunes de Alencar. O primeiro editorial denominado “Definição”, assinado por Maurício Nunes de Alencar, Frederico Gomes da Silva e Paulo de Magalhães, foi representativo da linha política adotada pelo jornal daquele momento em diante; nele os autores conclamavam “todos os brasileiros a participarem da batalha pelo desenvolvimento”, o texto seguia tentando justificar uma série de medidas tomadas pelo governo. Embora o diretor de edição, Franklin de Oliveira fizesse questão de declarar que o “velho Correio mudou de roupa, mas não trocou de alma. Continua sendo o mesmo jornal, afeito às grandes causas humanas, de Edmundo e Paulo Bittencourt”,¹¹⁶ pela primeira vez o **Correio da Manhã** deixou de oscilar em relação ao poder, oscilação sempre atribuída à fidelidade aos seus pressupostos liberais e à Constituição que o levava a alternar-se entre oposição e situação. Dessa vez não havia mais subterfúgios, próximo do seu aniversário de 70 anos, pela primeira vez o **Correio da Manhã** assumiu uma posição incondicionalmente governista. Em princípio de 1973, o Jornal **Tribuna da Imprensa** chegou a noticiar o fechamento do **Correio da Manhã**, relacionando-o à crise porque passava a empresa de Maurício Alencar. A partir do dia 10 de janeiro daquele ano o jornal reduziu o seu número de páginas para poder continuar em circulação. Após um período de disputas judiciais entre Niomar Sodré Bittencourt e os arrendatários que inclusive queriam devolver o jornal antes do prazo final do arrendamento, proposta que não foi aceita pela proprietária, finalmente a “8 de julho de 1974, o **Correio da Manhã** deixou de circular. A última edição, de três mil exemplares, era de um jornal com apenas 8 páginas. A empresa devia salários atrasados a 182 empregados”.¹¹⁷

Á guisa da conclusão, enfatizo a importância de aqui se contar a história do jornal **Correio da Manhã**, para além do motivo óbvio de ele ter sido representado literariamente em

¹¹⁶ Ibid., p.9

¹¹⁷ Ibid., p.9

as **Recordações do escrivo Isaiás Caminha**, também se deve ao fato de o **Correio** ter aparecido no cenário da capital da República num momento em que a imprensa “em sua quase totalidade, rolando sobre molas silenciosas, é um aparelho modelar de subserviência e ternura que os homens da politicagem enfeitiçam.”¹¹⁸ E o **Correio** veio justamente para romper com “o cantochão de louvores ao governo de Campos Sales que presidia a política de estagnação, onerando terrivelmente as classes populares. Quebrava a placidez aparente, alcançada pelo suborno, pela sistematizada corrupção, institucionalizada a compra da opinião pela imprensa.”¹¹⁹ Lima Barreto passou pelo **Correio da Manhã** na fase inicial do jornal, quando este se afirmava como o grande órgão oposicionista da imprensa carioca, e a escolha para satirizá-lo no romance não se deve a ressentimentos pessoais, mas por ser “o mais representativo, o mais típico, o mais retratável dos órgãos da imprensa da época”.¹²⁰ Embora tenha passado para a História como um jornal de oposição e de opinião, como já foi visto neste capítulo, o **Correio** só se tornou uma força de oposição, de fato, só após o Golpe de 1964, passando então a ser um jornal de resistência à Ditadura Militar. Denunciava as cassações de mandatos e dos direitos políticos, realizadas sem que os envolvidos tivessem o direito de defesa, colocando-se “contra o terrorismo e a violência, contra a delação oficializada que avilta o processo de amadurecimento político do nosso povo, contra todas as medidas que se chocam com a ordem jurídica e os princípios democráticos.”¹²¹

¹¹⁸ EDMUNDO, Luís apud SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 320.

¹¹⁹ *Ibid.*, p.328-329

¹²⁰ BARBOSA, Francisco de Assis. **A Vida de Lima Barreto**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988, p.147.

¹²¹ **DHBB**, p.8.

CAPÍTULO 3

UM NARRADOR NOS BASTIDORES DO QUARTO PODER

Era a imprensa, a Onipotente Imprensa, o quarto poder fora da Constituição!

Lima Barreto

Lima Barreto apareceu no cenário literário e cultural brasileiro num momento em que se desenvolviam “as condições favoráveis à profissionalização do trabalho intelectual, sobretudo em sua forma literária, e à constituição de um campo intelectual relativamente autônomo, em consequência das exigências postas pela diferenciação e sofisticação do trabalho de dominação”.¹²² No entanto, a cooptação pelo poder, dos intelectuais e homens de letras era fato:

Não havendo, na República Velha, posições intelectuais autônomas em relação ao poder político, o recrutamento, as trajetórias possíveis, os mecanismos de consagração, bem como as demais condições necessárias à produção intelectual sob diferentes modalidades, vão depender quase que por completo das instituições e dos grupos que exercem o trabalho de dominação. Em termos concretos, toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais.¹²³

Entretanto, o acesso a essas posições não era franqueado pela posse de diplomas, títulos e pelo talento individual, na verdade, dependiam, quase que exclusivamente, de indicações, padrinhos e pistolões, ou, nas palavras de Sergio Miceli, “do capital de relações sociais” que os postulantes às carreiras intelectuais conseguissem amearhar. Inclusive Lima Barreto teve seus primeiros estudos custeados pelo seu padrinho Afonso Celso, o visconde de

¹²² MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia das Letras, 2001, p.16.

¹²³ Ibid., p. 17

Ouro Preto, porém e apesar do apoio recebido, ele não se deixou cooptar, e o padrinho, segundo relato de sua irmã Evangelina, o teria percebido a ponto de comentar com seu compadre João Henriques: - Este meu afilhado está me saindo um jacobino!¹²⁴. De sua parte Lima Barreto também nunca nutriu simpatia por ele ou por qualquer outro tipo de “protetor”, chegou mesmo a escrever em seu **Diário Íntimo**: “E os dez-mil reis do tal visconde? Idiota. Os protetores são os piores tiranos.” (DI p. 34).

No romance **Recordações do escrivão Isaías Caminha**, objeto de análise deste trabalho, essa questão aparece logo no seu início. O jovem interiorano – mulato e pobre cujo grande anseio era tornar-se doutor, porque assim “resgataria o pecado do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e omnímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente.” (IC, p.53) – muito cedo, deparou-se com a realidade inerente aos da sua condição, de que para conseguir realizar o seu acalentado sonho não bastava sua inteligência e aplicação nos estudos, ele precisava de um emprego para poder sustentar se no Rio de Janeiro “cidade grande, cheia de riqueza, abarrotada de egoísmo, onde eu não tinha conhecimentos, relações protetores que pudessem me valer...” (IC,p. 47).

Isaías consegue, através do pedido de seu tio Valentim, uma carta de recomendação do coronel Belmiro ao deputado Castro, pois este, de acordo com o mandatário local, tinha direito à reivindicação, afinal, se o deputado estava eleito devia a ele, aos defuntos e a Valentim que havia desenterrado alguns. Porém, o texto de apresentação redigido pelo coronel Belmiro, “cujas noções gramaticais não eram suficientemente fortes para retardar a redação de uma carta” (IC, p.52) e que não foi além de um “apoio vago e impreciso, sem especificar um cargo ou remuneração, como no caso de outros mais favorecidos pela proteção

¹²⁴ BARBOSA, Francisco de Assis. **A Vida de Lima Barreto**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp. p. 90.

do oligarca”¹²⁵, não lhe garantiu a esperada proteção. Já no Rio de Janeiro, depois de infrutíferas tentativas de falar ao deputado, quando sua angústia o fazia sentir-se como “uma árvore cuja raiz não encontra mais a terra em que se apóie e donde tire vida.” (IC, p. 87), consegue encontrá-lo na casa de sua amante, onde é recebido pelo doutor Castro que com um ar “falsamente paternal [...] expobrou essa nossa mania de empregos e doutorado, citando os ingleses e os americanos.- Todo o mundo quer ser doutor...” (IC, p.101). Saindo de lá com a vaga promessa de que “o procurasse no escritório, que havia de ver...” (IC, p. 101), Isaías lê no jornal que comprara no bonde, que o deputado estava de partida para São Paulo, onde ia demorar-se. Diante da notícia teve um assomo de raiva e ódio que o fez olhar para as demais pessoas ao seu redor vivendo o seu cotidiano e pensar:

Idiotas que vão pela vida sem examinar, vivendo quase por obrigação, acorrentados às suas misérias como galerianos à calceta! Gente miserável que dá sanção aos deputados, que os respeita e prestigia! Por que não lhe examinam as ações, o que fazem e para que servem? Se o fizessem... Ah! Se o fizessem! Que surpresa! Riem-se, enquanto do suor, da resignação de vocês, das privações de todos tiram ócios de nababo e uma vida de sultão... (IC, p. 102)

Da dura constatação do desamparo nasce a consciência dolorida de que a “rede de trampas oligárquicas estende-se à vida privada do cidadão, pois garante-lhe o emprego ou o pão no olho da rua.”¹²⁶ E é graças ao “favor” de um estrangeiro, o jornalista Gregoróvitch Rostólloff, que Isaías conseguirá a indicação para o cargo de contínuo do Jornal *O Globo*, onde completará o seu aprendizado que vinha se fazendo “a força de machucados que deixaram na sua alma não poucas cicatrizes.”¹²⁷ No jornal, ele aprenderá “o poder da

¹²⁵ FIGUEIREDO, C. L. Negreiros de. **Trincheiras de sonho**: ficção e cultura em Lima Barreto. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1998. p.164.

¹²⁶ BOSI, Alfredo. Figuras do *eu* nas Recordações de Isaías Caminha. In: **Literatura e Resistência**. São Paulo: Cia das Letras, 2002. p. 190.

¹²⁷ *Ibid.*, p.198

hierarquia em meios pretensamente liberais”¹²⁸ e também conhecerá “ os bastidores suspeitos da comédia política e os balcões do mercado literário já em pleno funcionamento na capital modernizada da República Velha.”¹²⁹ E descobrirá:

a sabotagem mais torpe sob a retórica da liberdade de imprensa; o arbítrio mais duro sob a máscara da divisão de funções; a meia cultura com toda as suas distorções sob a linguagem das idéias gerais; o estilo pífio ou pretensioso escudado na gramatiquice dessa época áurea de manuais de bem escrever. O jornal é uma escola viva de experiência do mundo, a reedição diária da darwiniana *struggle for life*, mesmo porque, ‘não há nada tão parecido como pirata antigo e o jornalista moderno’.¹³⁰

Agora nos moldes empresarial, que impôs aos intelectuais e, sobretudo aos homens de letras novas funções “aos literatos, a imprensa determina nessa fase a escrita sobre assuntos de interesse amplo, pois as elaborações literárias passaram a compor matérias em separado. Em síntese, elaborar e avaliar notícia e também a revisão tornam-se atividades prioritárias que deixam, em plano secundário, a antiga coerência na escolha de uma abordagem crítico-literária.”¹³¹; é dessa imprensa que trata o romance **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. Ou seja, a imprensa no seu atrelamento ao poder na sua dimensão política e econômica e também como a principal instância cultural de hegemonia¹³². Nesta obra, Lima Barreto irá narrar como os jornalistas serviam ao poder e, sobretudo, discutir um tema que

¹²⁸ Ibid., p.198

¹²⁹ Ibid., p.199

¹³⁰ Ibid., p.200

¹³¹ FIGUEIREDO, C. L. Negreiros de. Lima Barreto: A ousadia de sonhar. In: BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica. [Coord. Antonio Houaiss e Carmem L. Negreiros]. Paris/ Madrid: Allca xx / Scipione, 1997. p.379.

¹³² O conceito de hegemonia foi proposto por Antonio Gramsci, que faz uma distinção entre “domínio” e “direção”, uma classe social por conseguir ser “dominante” pelo uso da força, sem, no entanto conseguir “dirigir”, sem conseguir a adesão, o consenso dos cidadãos. Mas poder ocorrer que se dê a conquista da “direção”, como um momento prévio da conquista do poder político. A Hegemonia, portanto, não é apenas política, mas é também um fato cultural, moral, de concepção do mundo. Cf. GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. 4.ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000. p.65-82.

permanece atual. Ao denominar a imprensa de quarto poder colocou uma questão de reflexão para ela própria, ou seja, a imprensa pode ser crítica ou não, ter uma função educativa, ser efetivamente o quarto poder ou apenas servir aos outros três poderes.

Para contar essa história, Lima Barreto valeu-se da construção de um narrador-escritor interno a ela, pois Isaías foi testemunha e parte consciente da submissão dos jornalistas ao poder, e ao mesmo tempo externo, pois ele escreve com relativo distanciamento temporal que o permite refletir sobre o sentido e os fins de sua escrita: “Despertei hoje cheio de um mal-estar que não sei donde me veio. Penso- não sei porque- que é este meu livro que me está fazendo mal...[...]. Vivo cheio de dúvidas, e hesito de dia pra dia em continuar a escrevê-lo. Não é o seu valor literário que me preocupa; é a sua utilidade para o fim que almejo.” (IC, p. 119); e nela também se opõe cabalmente ao modelo de escritores que conheceu na redação de *O Globo*:

Quem sabe se ele me não vai saindo um puro falatório?! Eu Não sou literato, detesto com toda a paixão essa espécie de animal. O que observei no tempo em que estive na redação de *O Globo*, foi o bastante para não os amar, nem os imitar. São em geral de uma lastimável limitação de idéias, cheio de fórmulas, de receitas, [...], curvados aos fortes às idéias vencedora, e antigas, adstritos a um infantil fetichismo do estilo e guiados por conceitos obsoletos e um pueril e errôneo critério de beleza. Se me esforço para fazê-lo literário é para que ele possa ser lido, pois quero falar das minhas dores e dos meus sofrimentos ao espírito geral e no seu interesse, com a linguagem acessível a ele. È este o meu propósito, o meu único propósito. (IC, p. 120)

O fato de Isaías repudiar os modelos que conheceu não significa que ele não tenha buscado outros para confeccionar a narrativa dos anos de sua mocidade, vividos nos meandros da redação do jornal:

Procurei-os, confesso; e, agora mesmo, ao alcance das mãos, tenho os autores que mais amo. Estão ali *O Crime e o Castigo* de Dostoievski, um volume dos contos de Voltaire, *A Guerra e a Paz* de Tolstoi, o *Rouge et Noir* de Stendhal, a *Cousine Bette* de Balzac, a *Education Sentimentale* de Flaubert, o *Antéchrist* de Renan, o Eça; na estante, sob as minhas vistas, tenho o Taine, o Bouglé, o Ribot e outros autores de literatura propriamente, ou não. Confesso que os leio, que os estudo, que procuro descobrir nos grandes romancistas o segredo de fazer. (IC, p. 120)

À luz da lembrança de que **Recordações do escrivão Isaías Caminha** é o romance de estréia de Lima Barreto e que a sua escolha para lançar-se como escritor foi proposital, já que queria demarcar terreno, compreende-se as reflexões feitas pelo narrador do romance contidas nos trechos transcritos acima, que escreve num tempo em que “o jornalismo feito por literatos é confundido com literatura, e no pior sentido.”¹³³

A preocupação de Isaías em saber se o livro que escreve não é puro “falatório” revela a recusa do escritor de não se filiar ao diletantismo puro e simples e de não se preocupar apenas com questões retóricas, estilísticas e gramaticais. Ao caracterizar os literatos como animais recorre aos recursos da sátira e da caricatura, que, de acordo com a leitura da pesquisadora Carmem Lucia Negreiros, constitui uma dupla ousadia, pois, atende à exigência de escrever de uma maneira que contemple sua concepção de literatura e também prevê “na expressão do riso, uma intenção artística, como uma forma capaz de aproximar-se do dinâmico movimento da realidade cultural.”¹³⁴ Aqueles dos quais ele não quer ser cópia, repetem fórmulas arcaicas, sem idéias e voz próprias, se submetem ao outro, posto que são “pueris”. A ele lhe interessa falar de um lugar próprio, o eu fala através de suas experiências, mas com a perspectiva de que elas possam ser de interesse coletivo “quero falar das minhas dores e dos meus sofrimentos ao espírito geral e o no seu interesse”. Em oposição ao

¹³³ SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 323.

¹³⁴ FIGUEIREDO, C. L. Negreiros de. Lima Barreto: A ousadia de sonhar. In: BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica. [Coord. Antonio Houaiss e Carmem L. Negreiros]. Paris/ Madrid: Allca xx / Scipione., 1997. p.376.

esquematismo, às receitas, às normas consagradas, praticados pelos literatos que conheceu na redação do jornal, o narrador – escritor diz que “procura descobrir nos grandes romancistas o segredo de fazer”, ou seja, o ato da escrita deverá vir acompanhado de estudo sistemático, de busca de informação, para que resulte numa literatura que vincule “grandes idéias, que espalham o são espírito pela individualidade humana – fonte de simpatia pelos fracos, preocupada e angustiada com os destinos humanos”. (GS, p.133)

Dando continuidade aos propósitos desse capítulo, passo a mostrar pontualmente como o narrador-escritor Isaías Caminha constrói a imagem e ao mesmo tempo disseca a anatomia daquilo que denominou de o quarto poder, ou seja, a imprensa brasileira sua contemporânea. Como sabemos, a imprensa naquele período conferia prestígio e poder e era uma porta de entrada para os jovens provincianos com ambições intelectuais que se dirigiam à capital do país. Isaías desejava ser doutor, cursar medicina era sua vontade, mas, impedido por conta de suas limitações materiais, acabou, por acaso, indo trabalhar no jornal *O Globo*, e ali ingressou não pelo talento, mas sim pela necessidade de sobrevivência e pelo “favor”.

A sua condição de mulato, pobre, contínuo e, portanto, completamente irrelevante aos olhos dos companheiros do jornal fica patente num diálogo com Floc (Frederico Lourenço do Couto), o crítico literário:

- Que nome! Félix da Costa! Parece até enjeitado! É algum mulatinho?

- Não. É mais branco que o senhor. É louro e tem olhos azuis.

- Homem, você hoje está zangado...

Ele não compreendia, que eu também sentisse e sofresse. (IC, p.240)

A situação causava dor, mas ao mesmo tempo lhe garantiu um lugar de observador privilegiado. Essa observação arguta e crítica começou a ser exercida desde o primeiro dia

que Isaías adentrou a redação do jornal em busca de Gregoróvitch, assim é descrito o espaço físico onde funcionava a redação do jornal:

Era uma sala pequena, mais comprida que larga com duas filas paralelas de minúsculas mesas, em que se sentavam os redatores e os repórteres, escrevendo em mangas de camisa. [...]

- O espaço era diminuto, acanhado, e bastava que um redator arrastasse um pouco a cadeira para esbarrar na mesa de detrás do vizinho. Um tabique separava o gabinete do diretor, onde trabalhavam o secretário e o redator-chefe; era também de superfície diminuta, [...]. Estava na redação de *O Globo*, jornal de grande circulação, diário e matutino, recentemente fundado e já dispoendo de grande prestígio sobre a opinião. (IC, p.151).

Os adjetivos empregados, “diminuto” e “acanhado”, remetem o leitor a um ambiente de estreiteza e mesquinhez, contrastando com a importância que o jornal possuía junto à opinião pública. Dizendo se medroso e esfomeado Isaías deixou-se “permanecer alguns minutos debaixo daquele teto que abrigava a falange sagrada que vinha combatendo pelos fracos e oprimidos” (IC, p.151). Mesmo nessa situação limite ele não se exime do uso da ironia, “falange” pode ser qualquer corpo de tropas ou numa variação regionalista do português brasileiro, grupo marginal que atua organizadamente na sociedade para fins ilícitos¹³⁵; e ele a adjetiva de “sagrada”, o que reforça o tom irônico e suscita o riso no leitor inteligente. Em seguida, Isaías nos apresenta o poderoso diretor-proprietário de *O Globo*, Ricardo Loberant:

A conversa tinha cessado quando o diretor penetrou na sala. Era o doutor Ricardo Loberant, um homem muito alto e muito magro, anguloso, com um grande bigode de grandes guias, louro, de um louro sujo, tirando para o castanho, e um olhar erradio, cheio de desconfiança. Era um homem temido, temido pelos fortes, pela

¹³⁵ HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

gente mais poderosa do Brasil, ministros, senadores, capitalistas; mas em quem com espanto, notei uma falta de firmeza, de certa segurança de gestos e olhar, própria dos vencedores. Fora uma irrupção. Ninguém o sabia jornalista. [...] um belo dia o público da cidade ouviu os italianos gritarem: *O Globo! O Globo!* Os curiosos compraram-no e com indiferença leram no alto o nome do diretor: Ricardo Loberant. Quem é? Ninguém sabia. Mas o jornal atraía, tinha um desempenho de linguagem, um grande atrevimento, uma crítica corajosa às coisas governamentais, que, não se sabendo justa, era acerba e parecia severa. Este gostou, aquele apreciou, e dentro de oito dias ele tinha criado na multidão focos de contágio para o prestígio de sua folha. Vieram as informações ao seu respeito. Algumas pessoas do foro informaram que o doutor Ricardo Loberant era um advogado violento, atrevido, que tinha por hábito discutir pelos “apedidos” do *Jornal do Comércio*, com mais azedume que lógica, as causas que lhe eram confiadas.

E o jornal pegou. Trazia novidade: além de desabrimento de linguagem e um franco ataque aos dominantes, uma afetação de absoluta austeridade e independência, uma colaboração dos nomes amados do público, lembrando por este aspecto os jornais antigos que a nossa geração não conhecera. (IC, p.153)

Note-se que Isaías não reconhece em Loberant as qualidades necessárias a uma liderança, embora sua figura pública seja temida e sua influência sobre os detentores do poder econômico e político seja inquestionável. Ele o apresenta como um homem inseguro, cujo olhar “erradio” transmite uma sensação de simulacro, e o jornal sendo dirigido por um homem de tal naipe só poderia ser falsamente austero e independente. Inclusive, numa estrutura de espelhamento, a descrição feita do personagem Loberant também poderia caracterizar o jornal: após a apresentação do personagem, Isaías logo anuncia o dia de aparição de *O Globo*.

No jornal, o poder não é expresso e nem se justifica por um conjunto de idéias ou posições ideológicas, ele é personificado por Ricardo Loberant:

Aquele jornal que era sua propriedade, recebia também a sua inspiração. Nenhum dos seus redatores tinha personalidade suficientemente forte para resistir ao ascendente da sua. Mediócrs de caráter e inteligência, embora alguns fossem mais ilustrados do que ele, a ação deles no jornal recebia impulso do doutor Ricardo,

sinete de sua paixão dominante, a sua característica; e esta era o despeito de sua fraca capacidade intelectual, a resistência que o seu cérebro oferecia ao trabalho mental contínuo, de modo a não lhe permitir chegar às altas posições pelo prestígio do talento e do estudo, não lhe deixando o seu grande orgulho que chegasse de outra forma mais geral e mais fácil. [...]

Demais o seu desgosto e o seu despeito podiam cevar-se na mediocridade de inteligência e na geral desonestidade dos que governavam e dominavam; era só fechar os olhos e estender as mãos.[...]

Durante os cinco anos que estive na redação, senti que o seu estado d'alma “pegava”, alastrava-se pelos amigos e subalternos, tanto que, nas suas ausências, o diário não perdia o tom e os artigos pareciam ter sido revistos por ele na véspera e saírem de sua fonte inexaurível de desgosto, despeito e rancor. (IC, p. 154-155)

Segundo Isaias Caminha, Loberant inspirava terror nos seus subordinados e graças a isso conseguia um nível de submissão que só devia ter equivalência na administração turca, no entanto através das páginas de seu jornal e sob seu nome “apareciam tão formidáveis ataques aos nossos problemáticos tiranos fosse ele mesmo, na administração de sua folha, um tirano malcriado e feroz.” (IC, p.158)

O poder de Ricardo Loberant sobre os integrantes do jornal é tamanho que para relatá-lo Isaias vale-se de analogias, a do exército, “À frente, estava o doutor Ricardo Loberant, bacharel em Direito, de inteligência duvidosa e saber inconsciente, com seu estado-maior” (IC, p.168); e a da estratificação social da Idade Média, “no jornal, o diretor é uma espécie de senhor feudal a quem todos prestam vassalagem e juramento de dependência: são seus homens. As suas festas, são festas do feudo a que todos têm obrigação de se associar; os seus ódios são ódios do suserano, que devem ser compartilhados por todos os vassalos, vilões ou não. (IC, p.225).

No entanto, a submissão dos jornalistas ao todo poderoso dono do jornal trazia dividendos , pois Isaias os via como “a gente mais satisfeita desta vida, satisfeita consigo,

com a posição que tinham e com a sociedade que os cercava.” (IC.p.155). O secretário Leporace era um exemplo acabado dessa constatação:

Leporace era o secretário, arrogante como todo jornalista, apesar de ser pura criação de Loberant. Formado, sem emprego, sem fortuna, sem “pistolões”, veio a encontrar-se com o doutor Ricardo. Loberant gostou de sua submissão, do ar respeitoso com que era tratado pelo rapaz, daquela espécie de admiração muda pelo seu gênio que ninguém sentia, e começou a interessar-se por ele, dando-lhe sociedade na banca, arranjando-lhe clientes. [...]

Quando fundou o jornal, trouxe-o como redator. Leporace foi aprendendo com os outros o ofício e acabou secretário, sumidade em literatura e jornalismo, árbitro de mérito, distribuidor de gênios e talentos – ele que nunca tivera o mínimo gosto, a menor inclinação por essas coisas e passara a meninice e as duas mocidades atacadado com compêndios e fazendo exames como toda a gente! Hoje, é quase uma celebridade e passeia de carro pelas ruas asfaltadas do Rio de Janeiro, tendo ao lado a mulher e os pimpolhos. (IC, p. 156)

Manoel Cavalcanti Proença, no prefácio que fez para o volume **Impressões de Leituras das Obras completas de Lima Barreto**, organizadas por Francisco de Assis Barbosa e Antonio Houaiss, escreveu que “Lima Barreto, parece, dividia as pessoas em boas e más.[...] Para os maus, a adjetivação variava, o escritor lhes emprestava ‘olhos de folhas-de-flandres’, feições de porco ou ave de rapina, de anta ou antropóide”. (IL,p.30) Talvez, o que o crítico não tenha percebido é que não se trata de mera divisão maniqueísta, mas sim do uso do recurso de produzir a caricatura através do texto literário. No **Isaiás Caminha** esse recurso é utilizado para descrever personagens jornalistas e rebaixando-os a um nível grosseiro e associando-os aos traços e a irracionalidade animalesca. Raul Gusmão, primeiro jornalista que Isaiás conheceu logo que chegou ao Rio de Janeiro é apresentado como “um antropóide que há pouco tivesse adquirido a palavra articulada. [...] Os olhos pequeninos dentro de umas órbitas quase circulares a lembrar vagamente uma raça qualquer de suíno.[...] Uma desencontrada mistura de porco e de símio adiantado, ainda por cima jornalista ou cousa que

o valha.” (IC, p.67-69). O Redator-chefe do jornal, Aires d’ Àvila, “era um homem gordo que se movia [...] com a dificuldade de um boi que arrasta a relha enterrada da charrua”, e sua sombra projetada contra a parede parecia uma “imensa cabeça de porco”. Reduzidos ao grotesco pela caricatura os personagens serão também desprovidos de atributos como inteligência, independência de idéias, pensamento e criatividade, na ausência deles, só lhes resta o lugar de vassalos.

Um outro importante registro da subserviência dos jornalistas ao poder e não somente ao poder do proprietário do jornal, mas ao prestígio inerente à profissão que também confere poder, vem à tona através do olhar de Isaías:

...Adelermo era a imaginação do jornal, e em seus ombros recaía todo o peso da necessidade de informações imediatas ao público quando os documentos faltavam ou eram omissos.[...] Adelermo era obediente e fazia. Intimamente desgostava-se com aquele papel de mentiroso; mas temia ser despedido, posto na rua. Era esse o grande terror de todos. Não eram os ordenados, não era a miséria que os apavorava; temiam não encontrar outro lugar nos jornais e perderem por isso a importância, a honra suprema de pertencer ao jornalismo. Eles não valiam por si; o jornal é que lhes dava brilho. (IC, p.210)

Pensando um pouco o escritor Lima Barreto e tendo como referente os jornalistas de **Recordações do escrívão Isaías Caminha**, como já vimos no segundo capítulo, mesmo sem ter sido jornalista profissional, ele deixou uma contribuição bastante significativa e variada à imprensa de sua época, a sua presença tanto na grande imprensa como na operária, sindical e alternativa sempre foi marcada por princípios e coerência, ele fez questão de ocupar os espaços pelo seu talento e competência intelectual e para fins do interesse coletivo. Já os jornalistas de *O Globo* buscam na imprensa o brilho que eles próprios não possuem, se submetem às humilhações no ambiente de trabalho, mentem, manipulam em função de benesses que a sociedade pode lhes oferecer pela posição que ocupam. Não há neles nenhum

compromisso com uma imprensa que contribua para elevação do nível cultural e social do país. Mas e Isaías? Num primeiro momento ele é o que olha de fora, o que acabou de chegar, mas até que ponto ele resistirá a se tornar como os outros naquela “tenda de trabalho onde mourejavam irmãos.”? (IC, p.225). O crítico Alfredo Bosi nos mostra que Isaías

passa por um processo bivalente de modelagem pelo meio e de resistência ao meio, do qual emerge o ponto de vista complexo das *Recordações*. Para avaliar a força plasmadora da imprensa na biografia de Isaías, é preciso qualificar as suas reações a um contexto que é todo feito de assimetrias. São respostas ambivalentes: ao lado de flechadas contra o cinismo ou a hipocrisia reinante, o protagonista confessa que a sua alma se foi deixando penetrar por aquelas mesmas tendências dissolventes que, em momentos de brio, ele conseguira repelir.¹³⁶

Se num primeiro instante, Isaías sente ter aberto mão dos seus sonhos e projetos, aos poucos se acomoda, pois o medo de voltar a vivenciar os sofrimentos passados o acovardava e os efeitos de sua nova situação vão se fazendo sentir sobre o seu *eu crítico*:

De tal maneira é forte o poder de nos iludirmos, que um ano depois cheguei até ter orgulho da minha posição.[...] As conversas da redação tinham-me dado a convicção de que o doutor Loberant era o homem mais poderoso do Brasil; fazia e desfazia ministros, demitia diretores, julgava juízes e o presidente, logo ao amanhecer, lia o seu jornal, para saber se tal ou qual ato seu tinha tido o *placet* desejado do doutor Ricardo. Participar de uma redação de jornal era algo extraordinário, superior, acima das forças comuns dos mortais. [...] Depois de acobardado, tornei-me superior e enervado e não tentei mudar a situação. [...] Não estudei mais, não mais abri livro. Só a leitura d’ *O Globo* me agradava, me dava prazer. [...] Comecei a admirar as sentenças literárias do Floc, as pilhérias do Losque, a decorar a gramática homeopática do Lobo e não suportar uma leitura mais difícil, mais densa de idéias, mais logicamente arquitetada, mesmo quando vinha em jornal. Era pesado e...

¹³⁶ BOSI, Alfredo. Figuras do *eu* nas *Recordações* de Isaías Caminha. In: **Literatura e Resistência**. São Paulo: Cia das Letras, 2002. p. 200.

Nos jornais do Rio, os seus sacerdotes consumados entendem por artigo pesado os extensos ou aqueles que não se desenvolvem, até a tolice minuciosa, notícias de crimes sensacionais *et reliquia*. [...] Desde que não se trate de crimes espantosos, de idiotas intrigas políticas, uma crônica mais pensada ou um artigo mais estudado será refutado como pesado. A gente dos jornais do Rio só tem idéias feitas e *clichês* de opiniões de toda a natureza incrustados no cérebro. [...] Guiados pelas mesmas leis, obedecendo quase a um único critério, todos eles se parecem; e, lido um, estão lidos todos. (IC, p.178).

O relato de sua cooptação pelo jornal não é menos candente que sua lucidez e “forma com essa um par desafinado, mas nem por isso menos representativo do nosso drama social.”

¹³⁷ O jornal é mostrado como um espaço de despersonalização, de descaracterização, de aniquilação do eu, da subjetividade e das diferenças em função de uma autoridade / autoritarismo irrefutáveis, não é um espaço de autonomia e criação, mas sim de reprodução, e não somente do mesmo estilo de artigos, mas dos mesmos tipos de profissionais, ou seja, de jornalistas. Em *O Globo*, o secretário Leporace é “criação” de Loberant, o diretor proprietário, que, ao mesmo tempo em que “cria” os seus quadros, faz com que eles usem a sua criatividade para forjicar carapetões “naquela fábrica de carapetões que se chama o jornal” (IC, p.212). A existência do jornalista Ricardo Loberant também é uma criação do jornal, não existe uma história do jornalista, este passa a ser reconhecido a partir de *O Globo*.

Isaías, por sua vez, amoldou-se rapidamente a sua nova vida, o poder que o ambiente do jornal tinha de produzir fantasmagorias era imenso “Em menos de ano e tanto, já tinha construído uma pequena consciência jornalística para meu uso. Julguei-me superior ao resto da humanidade que não pisa familiarmente no interior das redações e cheio de inteligência e talento, só porque levava tinta aos tinteiros dos repórteres e dos redatores e participava assim de um jornal, onde todos têm gênio.” (IC, p.179). Em mais um momento de seu aprendizado, Isaías descobre que ali a consciência não é ética, mas funcional; o jornal combate de maneira

¹³⁷ Ibid., p.200

incisiva os descasos da má administração pública, e, no entanto, descuida do próprio ambiente de trabalho de seus funcionários:

Os redatores escreviam uns em cima dos outros; na revisão, que ficava misturada com a composição, não se podia andar; e pela noite os bicos de gás sem vidros iluminavam tudo aquilo lobregamente, com grandes hiatos de sombras como um porão de navio. Pela sala em que esses dois departamentos funcionavam, fluuava um forte odor de urina, desprendido de um mictório, que existia entre duas caixas da tipografia. No dia que notei isso, não fazia oito, que um artigo furioso atacava o Governo pelas más condições higiênicas do Hospício Nacional de Alienados. (IC, p. 179)

O jornalista e escritor Lêdo Ivo, no ensaio, *Lima Barreto: a autoridade do malogro*, aponta Lima Barreto como o primeiro ficcionista brasileiro a denunciar a língua como expressão de poder:

Tendo verificado que o poder dos homens – seja político, burocrático, literário, militar, religioso ou econômico – se assenta na linguagem, Lima Barreto soube vulnerar com alta inteligência e não menor malícia um dos aspectos básicos do mundo das relações humanas. Demonstrou que o domínio de certos homens sobre os seus semelhantes se processa através da diferenciação e da lei gramatical – a qual compartilha o universo legal e é uma das faces do sistema estabelecido para controlar o movimento da vida.

Lima Barreto examinou e interrogou o problema da linguagem e da gramática tornadas instrumentos de classe, de repressão e opressão, e destinadas não a permitir que os homens se expressem plenamente, e convivam harmoniosamente, mas a impedir que o façam. Ele enxergou em muito de seus contemporâneos (...), atraídos pelas a seu ver chinesices estilísticas, o propósito de usar e cultuar uma língua que impedia a vida real de manifestar-se e que, por isso mesmo, se tornava um meio privilegiado de acuar ou silenciar os homens e inferiorizá-los.¹³⁸

¹³⁸ IVO, Lêdo. Lima Barreto: a autoridade do malogro. In: **A ética da aventura**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. p. 20-21.

Em **Recordações do Isaías Caminha**, o personagem do gramático Lobo representa, na redação do jornal *O Globo*, a concepção de linguagem oposta a de Lima Barreto, que propugnava por um uso eficaz da língua no sentido de estabelecer a comunicação e a comunhão entre os homens. À medida que o narrador-escritor Isaías Caminha vai comentando a trajetória de Lobo no jornal, fica evidente sua posição crítica:

A gramática do velho professor era de uma miopia exagerada, Não admitia equivalências, variantes; era um código tirânico, uma espécie de colete de força em que vestira suas pobres idéias e queria vestir as dos outros. Há três ou cinco gramáticas portuguesas, porque há três ou cinco opiniões sobre a mesma matéria. Lobo organizara uma série delas sobre as inúmeras dúvidas nas regras do nosso escrever e do nosso falar e ai de quem discrepasse no jornal!! (IC, p. 229)

Lobo fez do uso correto da língua, do seu ponto de vista, uma forma de exercício de poder dentro do jornal, quem dele discordasse poderia ser até demitido, mesmo porque tinha ascendência sobre o patrão: “o próprio Loberant [...], péssimo escritor, tinha fúrias extraordinárias quando lhe trocavam uma palavra no luminoso artigo. Diariamente, mesmo quando não escrevia, corria o jornal de manhã, de princípio ao fim, auxiliado pela mulher, para descobrir erros segundo a gramática do Lobo.” (IC, p.181)

Mas o poder do gramático sucumbe diante do poder do dinheiro. Ao perceber que está perdendo leitores para o jornal concorrente, Loberant apela para todo tipo de artifícios para aumentar a vendagem de *O Globo* :

Julgando que a prosperidade do outro era devida aos bonecos, Loberant punha na sua folha bonecos. Parecendo-lhe que isso não era o bastante, forjava anúncios, “calhaus”, calhaus de “precisa-se”, “de aluga-se”, de pequenos anúncios, que em abundância, parecem ser o índice de prosperidade de um jornal.

Mas não contente com esses expedientes todos, um dia o doutor Loberant, supondo a popularidade do rival devida à falta de gramática nos artigos, chegou à redação furioso e, com o seu modo habitual, berrou:

- Não quero mais gramática, nem literatura aqui!...

Nada! Nada! De lado essas porcarias todas... Coisa para o povo, é o eu quero!

O Lobo que estava na sala, teve em começo um grande olhar com que envolveu toda a sala [...]. Depois de um momento de hesitação, tomou coragem e oservou:

- Mas doutor...

- Ora, Lobo! Já vem você...

Mas, doutor, a língua é uma cousa sagrada. O culto a língua é um pouco o culto a pátria. Então o senhor quer que o seu jornal contribua para a corrupção deste lindo idioma de Barros e Vieira...

- Qual Barros, qual Vieira! Isto é brasileiro – cousa muito diversa! [...]

Loberant não ficou abalado com a exortação do gramático. Manteve a ordem que lhe parecia necessária para o aumento de alguns milheiros na venda de sua folha. (IC, p.189)

Diante da perda do domínio sobre o que era escrito no jornal e do aumento de erros gramaticais, apavorado com as mudanças na língua, que não consegue entender e denomina de “calão indecente”, Lobo enlouquece e é recolhido ao hospício onde não fala, tapa os ouvidos e vive a ler a *Ensynança de Bem Cavalgar*, de El-Rei Dom Duarte.

Trágico também será o fim do personagem Floc, aliás, ele e Lobo eram considerados “os dois mais altos ápices da intelectualidade do *Globo*” (IC, P. 162). Como crítico literário do jornal, “exercia o poder com a linguagem purpurina que abrilhantava os salões ;suas frases lindas atendiam à crônica da pompa da vida social: uma mescla, com muito brilho, de informações sobre literatura e pintura, dados da Psicologia *chic* , crônicas teatrais de espetáculos e etc.”¹³⁹

Floc não tinha critérios para avaliar as obras literárias: “A sua crítica não obedecia a nenhum sistema; não seguia escola alguma. As suas regras estéticas eram as suas relações

¹³⁹ FIGUEIREDO, C. L. Negreiros de. **Trincheiras de sonho**: ficção e cultura em Lima Barreto. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p.179.

com o autor, as recomendações recebidas, os títulos universitários, o nascimento e a condição social.” (IC, p.183). A sua postura diante dos novos escritores também é pautada pelo mesmo critério. Deodoro Ramalho, estudante de medicina e típico arrivista de nossa Primeira República, protegido do escritor Veiga Filho, de acordo com Isaías, era “autor de uns contos pastosos, pejados de frases redondas, redondinhas que escapavam quase diariamente pelas colunas d’*O Globo* , com a mole resistência da massa de tinta que sai de uma bisnaga.” (IC, p.214). Devido as suas influentes relações, inclusive no Palácio das Laranjeiras, tinha o respeito e a consideração de todos no jornal, do proprietário ao seu crítico literário. Até o escritor Raul Gusmão depois que o soubera tão bem relacionado “começou a elogiá-lo pelo seu jornal. O *Binóculo* não cessava de acusar-lhe passagem pela Rua do Ouvidor: o doutor Ramalho, o fino *conteur* do *O Globo*.” (IC, p. 214). E numa relação de mão dupla, bastante ilustrativa da simbiose entre o jornalismo e as demais instituições sociais que também outorgavam poder, o narrador conclui: “E, durante todo o seu curso, o jovem Deodoro Ramalho desovou contos, artigos, folhetins e tirou dezenas de distinções na faculdade de Medicina. Na escola, as distinções vinham-lhe do seu prestígio de jornalista; no jornal, a sua superioridade partia das suas distinções na escola.” (IC, p.215). Porém, aos desconhecidos que se iniciavam na arte de escrever porque queriam se dedicar à literatura por verdadeira afeição e porque se percebiam com talento para tanto, o tratamento era outro. Tal se deu com o jovem poeta, Félix da Costa, autor do livro *Anelos* , cujo título dá a dimensão do seu desejo, recebido na redação por Isaías Caminha. Félix da Costa relata como se tornou um escritor, os primeiros versos, as leituras dos amigos que reconhecem o mérito de seus poemas , a edição do primeiro livro, e enfim a vontade de ter uma avaliação especializada que lhe aponte as eventuais falhas para que se corrija. Admirador de Floc, pede a Isaías que lhe entregue o livro, e este o deixa sobre a mesa do crítico sabendo que:

Os livros nas redações têm a mais desgraçada sorte se não são recomendados e apadrinhados convenientemente. Ao receber-se um, lê-se –lhe o título e o nome do autor. Se é de autor consagrado e da facção do jornal, o crítico apressa-se em repetir aquelas frases vagas, muito bordadas, aqueles elogios em *clichê* que nada dizem da obra e dos seus intuitos; se é de outro consagrado mas com antipatias na redação, o *clichê* é outro, elogioso sempre mas não afetuoso nem entusiástico. Há casos em que absolutamente não se diz uma palavra do livro. [...] Com os nomes novos não havia hesitações; calava-se, ou dava-se uma notícia anódina, “recebemos, etc.”, quando não se descompunha. (IC, 237)

O crítico tornou-se uma vítima da sua própria mistificação; o seu estilo de escrever, a sua linguagem “purpurina cujas regras estabelecem uma mínima variação de ordem conhecida”¹⁴⁰ embotou-lhe a criatividade e a reflexão, “ escrever era a sua tortura; era o seu pesadelo”(IC, p.240). Diante dos outros colegas do jornal, não demonstrava sua angústia e desespero, mas, na presença de Isaías, a quem julgava incapaz de perceber as suas aflições, não se continha. E foi num momento desses, na redação, sob intensa pressão para entregar sua crônica, que se suicidou:

O operário saiu . Floc esteve um instante com a cabeça entre as mãos, parado, tragicamente silencioso ; depois levantou-se firmemente, dirigiu-se muito hirto e muito alto para um compartimento próximo. Houve um estampido e o ruído de um corpo que cai. Quando penetramos no quarto, eu, o paginador e dois operários, ele ainda arquejava. Em breve morreu. Havia um filete de sangue no ouvido e os olhos semicerrados tinham uma longa e doce expressão de sofrimento e perdão. Caído para o lado estava o revólver, muito claro e brilhante na sua niquelagem, estupidamente indiferente aos destinos e às ambições. (IC, p.267)

Outro momento importante do romance que exemplifica a relação “entre a escrita e o poder”¹⁴¹ é a questão do uso dos sapatos obrigatórios, consoante com as reformas urbanas

¹⁴⁰ Ibid., p.180

¹⁴¹ Ibid., p.182

efetuadas na cidade do Rio de Janeiro. O Conselho Municipal apresentou um projeto, que foi aprovado e sancionado, obrigando “todos os transeuntes da cidade, todos que saíssem à rua seriam obrigados a vir calçados.” (IC, p.204) De um lado, o governo que, em nome do progresso e da ciência e das transformações que a cidade vem sofrendo, quer “também uma população catita, limpinha, elegante e branca” (IC, p.205); de outro o jornal, a repetir à exaustão, “que o governo era desonesto e desejava oprimir o povo, que aquele projeto visava enriquecer um sindicato de fabricantes de calçado, que atentava contra a liberdade individual.” (IC, p.248); e, no meio, o povo, semi-analfabeto, pobre, feio, inculto, desorientado e sem aparato intelectual para ler “criticamente a poderosa escrita do jornal”¹⁴². Na casa de cômodos no Rio Comprido onde reside, Isaías é questionado pela sua lavadeira Dona Felismina:

- Diga-me uma cousa “seu” Caminha: há aí uma lei que obriga a todos a andarem calçados?
- Há uma postura municipal.
- Mas isso é verdade mesmo? Pois então todos, todos?
- Na rua, é. Porque se assusta.
- Dizem que as folhas falam nisso e até, que contam aí, que quem tiver pé grande tem que sofrer uma operação para diminuir os pés, como os chinas... È verdade? (IC, p. 226)

A campanha desencadeada pelo jornal acabou levando a população a um motim, no qual muitas pessoas perderam suas vidas. Enquanto o povo nas ruas lutava contra o que nem sabia direito, “para os redatores do jornal a questão dos sapatos obrigatórios atendia à oportunidade de, a pretexto de defender a população, garantir a participação em grandes verbas destinadas à modernização”.¹⁴³

¹⁴² Ibid., p.182

¹⁴³ Ibid., p.183

O círculo da aprendizagem de Isaías se fecha com sua promoção profissional; se entrara no jornal através do “favor”, sua ascensão tampouco se dará pela competência e talento. Flagrando Ricardo Loberant em um prostíbulo, este, envergonhado e fragilizado pela exposição sua intimidade, se aproxima de Isaías e descobre que o seu contínuo era um rapaz inteligente e instruído e o promove a repórter de *O Globo*, que, apesar da má vontade de alguns colegas para com ele, dominou facilmente as técnicas jornalísticas:

Com o andar dos tempos aprendi os processos [...] Aprendi com o Losque a servir de outros jornais, a receber inspirações neles, a calcar os meus artigos nos que estampavam. Como Losque, norteiei-me para as revistas obscuras, essas que ninguém lê nem os jornais dão notícia. Havia nelas uma pequena idéia, desenvolvia e enxertava uma consideração qualquer. [...]

No jornal, compreende-se o escrever de modo diverso do que se entende literariamente. Não é um pensamento, uma emoção, um sentimento que se comunica aos outros pelo escritor; não é o pensamento, a emoção e o sentimento que ditam a extensão do que se escreve. No jornal, a extensão é tudo e avalia-se a importância do escrito pelo tamanho; a questão não é comunicar pensamentos, é convencer o público com repetições inúteis e impressioná-lo com o desenvolvimento do artigo. Para se dar aos artigos lança-se mão de todos os recursos. (IC, p. 278-279)

Com essa reflexão, Isaías desmistifica as técnicas jornalísticas e demonstra que elas nada mais são do que uma série de macetes e revela como se dá o processo de produção de notícias “ com potencial de vendas maciças, ou seja como uma boa mercadoria com lucro garantido.”¹⁴⁴ Paralelo a sua ascensão, a redação do jornal passa por mudanças: o estrangeiro Gregoróvitch, se desgostou da “ cor governista” que o jornal havia tomado e “ partiu para Caracas em busca de novas aventuras e oposições” (IC, p. 280); outros como Leporace e Rolim conquistaram o que sempre desejaram, e o jornal fora o trampolim para isso: cargos

¹⁴⁴ FIGUEIREDO, C. L. Negreiros de. Lima Barreto: A ousadia de sonhar. In: BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica. [Coord. Antonio Houaiss e Carmem L. Negreiros]. Paris/ Madrid: Allca xx / Scipione., 1997.p 381.

públicos rendosos e que lhes conferiam estabilidade e projeção social. No mesmo lugar como “imutáveis”, continuaram “os talentosos e honestos da redação”¹⁴⁵, o Oliveira e o Meneses,

sempre tímido, este, escrevendo os artigos difíceis, mas sem melhoras de ordenado. [...] Sempre que via o resignado Meneses, muito feio, murcho, a escrever as melhores cousas do jornal, punha-me a pensar porque o equilíbrio do jornal pedia que aquele rapaz ficasse em baixo e no alto pairassem Loberant, Leporace e Aires d’Ávila. A sua timidez e modéstia não lhe davam o charlatanismo indispensável para levá-lo adiante. (IC, p. 281)

Ou então Meneses não correspondia à imagem que dos jornalistas fizera o revolucionário Plínio Andrade: “Não há nada tão parecido como o pirata antigo e o jornalista moderno.” (IC, p.145-146).

E Isaías como ficará ao final de história? Apesar de sua “vida brilhante” e a sombra do poder, continua deslocado perguntando por sua identidade e seu lugar “Eu sentia bem o falso da minha posição, a minha exceção naquele mundo; sentia também que não me parecia com nenhum outro, que não era capaz me soldar a nenhum e que, desajeitado para me adaptar, era incapaz de tomar posição, importância e nome.” (IC, p. 282). Afastado da vida da grande cidade e escrivão da Coletoria Federal de Caxambi no Espírito, Isaías escreve suas memórias, nas quais narra trechos de sua vida “sem reservas nem perífrases” (IC, p. 42), para refutar “considerações desfavoráveis à natureza da inteligência das pessoas do meu nascimento” (IC, p.40). Afinal, diz ele: “não estava em nós, na nossa carne e nosso sangue, mas fora de nós, na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins de belos começos.” (IC, p.42).

Esse trabalho não se encerra aqui, muitas questões importantes ficaram fora desse breve recorte que fiz, como por exemplo, a discussão da imprensa como instância cultural de hegemonia, como o poder se coloca enquanto forma literária no romance, e como se dá na

¹⁴⁵ FIGUEIREDO, C. L. Negreiros de. **Trincheiras de sonho**: ficção e cultura em Lima Barreto. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. p.188.

estrutura do próprio texto a resistência ao poder. Elas permanecem comigo, pretendo respondê-las em breve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, A. H. de Lima. **Obras de Lima Barreto**. Organizadas sob a direção de Francisco Assis Barbosa, com a colaboração de Antonio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Brasiliense, 1956. 17 volumes.

Obras de Lima Barreto citadas no texto

Bagatelas	(BA)
Correspondência V.1	(C1)
Correspondência V.2	(C2)
Diário Íntimo	(DI)
Feiras e Mafuás	(FM)
Impressões de Leitura	(IL)
Marginália	(MA)
Recordações do Escrivão Isaías caminha	(IC)
Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá	(GS)

Bibliografia Geral

BARBOSA, Francisco de Assis. **A Vida de Lima Barreto**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

BARRETO, Lima. **O Subterrâneo do Morro do Castelo**: Um Folhetim de Lima Barreto.

RESENDE, Beatriz (org.). Rio de Janeiro: Dantes, 1997.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

_____. Figuras do *eu* nas recordações de Isaías Caminha. In: **Literatura e resistência**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

FANTINATI, C. E. **O profeta e o escrivão. Estudo sobre Lima Barreto**. São Paulo: Ilpha/Hucitec, 1978.

FIGUEIREDO, C. L. Negreiros de. **Trincheiras de sonho: ficção e cultura em Lima Barreto**. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro. 1998.

_____. Lima Barreto: a ousadia de sonhar. In: BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica. [Coord. Antonio Houaiss e Carmem L. Negreiros]. Paris/ Madrid: Allca xx / Scipione Cultural, 1997.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. 4.ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

IVO, Lêdo. Lima Barreto: a autoridade do malogro. In: **A ética da aventura**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

LEAL Carlos E. Verbete Correio da Manhã. In: **Dicionário Histórico- Biográfico Brasileiro- pós 1930** (DHBB), editado pelo CPDOC/FGV-RJ. Sd. 1 CD-ROM.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira: prosa de ficção: de 1870 a 1920**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

PRADO, Antonio Arnoni. **Lima Barreto: o crítico e a crise**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____.Os marginais dos anos 20. **Suplemento Literário**, Belo Horizonte, nº 18, p.7, 25 de jun. de 1983.

SENNA, Homero. **A república das letras**: entrevistas com vinte grandes escritores brasileiros. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TIGRE, Bastos. **Instantâneos do Rio antigo**. BALABAN, Marcelo (org.). Campinas: Mercado de Letras, 2003. (Col. Letras em série).

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.